



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

JOANA D’ARC FERREIRA PINTO

**AS MANIFESTAÇÕES DA CULTURA POPULAR NO MUNICÍPIO
DE CARINHANHA/BA – FESTAS, FOLGUEDOS E DANÇAS NO
CONTEXTO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Carinhanha/BA

2013

JOANA D'ARC FERREIRA PINTO

**AS MANIFESTAÇÕES DA CULTURA POPULAR NO MUNICÍPIO
DE CARINHANHA/BA – FESTAS, FOLGUEDOS E DANÇAS NO
CONTEXTO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em Pedagogia a
Distância, da Faculdade de Educação – FE -
Universidade Aberta Do Brasil - UAB- Universidade de
Brasília - UnB.

Carinhanha/BA

2013

PINTO, Joana D'arc Ferreira. 2013; 65 páginas. As Manifestações Da Cultura Popular no Município de Carinhanha – Festas, Danças e Folguedos no Contexto do Ensino Fundamental.

Faculdade de Educação – FE, Universidade Aberta do Brasil - UAB - Universidade de Brasília – UnB.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia a Distância

FE/UAB/UNB

AS MANIFESTAÇÕES DA CULTURA POPULAR NO MUNICÍPIO DE CARINHANHA/BA – FESTAS, FOLGUEDOS E DANÇAS NO CONTEXTO DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia a Distância, da Faculdade de Educação – FE - Universidade Aberta Do Brasil - UAB- Universidade de Brasília – UnB.

Comissão Examinadora:

Professora Dra. Neuza Maria Deconto (Orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Dra. Norma Lúcia Neris de Queiroz
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Mestre Sandra Regina Santana Costa

Dedicatória

Dedico primeiramente ao meu Jesus, pela oportunidade que Ele tem me concedido e por ter me dado à sabedoria de agarrar esta oportunidade.

A minha mãe, que verdadeiramente é um presente de Deus, meu exemplo de mãe e pai, uma verdadeira guerreira.

Ainda minha família e amigos, a meu padrinho Newilton Oliveira (Titio), que me presenteou com um computador, internet e tudo que precisei.

A minha tutora Crésia que nos ajudou tanto, fez o que pode, sempre esteve a nossa disposição. Aos meus tutores Fabrício, Peterson, Cleverson, Everaldo, Débora, meu querido Henrique Neuto, à professora Rosângela e também Erica Nascimento.

A todos que oraram por mim, intercederam para que eu continuasse nessa caminhada com força, coragem e paciência.

Agradecimentos

A DEUS, PELA LUZ QUE ME LEVA ADIANTE SEMPRE.

RESUMO

Este trabalho aborda as manifestações da cultura popular no município de Carinhanha/BA - festas, folguedos e danças - no contexto do ensino fundamental, considerando que as práticas pedagógicas no Ensino Fundamental podem contribuir com a valorização e reconhecimento das manifestações da cultura popular brasileira, em sua dimensão de memória e identidade cultural da população local e do Brasil como um todo. As danças, as festas, os autos, os cortejos e os folguedos populares são expressões ricas da diversidade cultural brasileira. Em Carinhanha, na Bahia, não podia ser diferente e a escola, como um espaço público, pode ser um ambiente privilegiado para aprendizagens que envolvam as culturas populares de um modo geral e, em especial, aquelas manifestações que ocorrem nesse município. Dessa forma, tendo por objetivo analisar como as manifestações da cultura popular local são tratadas na prática pedagógica das professoras que atuam em turmas do 1º ao 4º ano - uma turma de cada ano - do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Carinhanha/BA, o trabalho foi estruturado com base em levantamento teórico sobre o tema, tendo como referência diversos autores, entre outros: Laraia (2009), Brandão (2009), Arantes (2000), Burke (1988), Freire (1993) e Viana (2008). E a pesquisa empírica foi desenvolvida dentro da abordagem qualitativa, que sendo de natureza descritiva possibilitou aprofundamento das questões relativas à temática, apresentadas nos dados coletados em entrevistas semiestruturadas, realizadas com as professoras e a coordenadora pedagógica da escola pesquisada. E o resultado mostrou que nas turmas investigadas, apesar de as professoras reconhecerem a importância das manifestações da cultura popular brasileira, em sua dimensão de memória e identidade cultural da população local e do Brasil, nas práticas pedagógicas as manifestações culturais não são trabalhadas nessa perspectiva.

Palavras chave: cultura, manifestações culturais, cultura popular brasileira, ensino fundamental.

SUMÁRIO

1ª PARTE: MEMORIAL EDUCATIVO -----	08
1.1-O COMEÇO DE TUDO -----	09
1.2-TRANSIÇÃO-----	10
1.3MEUS PRIMEIROS PASSOS NA ESCOLA-----	11
1.4- NO ENSINO MÉDIO-----	13
1.4- EU NA UnB: UM SONHO QUASE IMPOSSÍVEL - PRIMEIRO MOMENTO: O SUSTO! -----	14
2ª PARTE: TRABALHO MONOGRÁFICO-----	20
INTRODUÇÃO-----	21
CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO	
1.CULTURA NO BRASIL-----	25
1.2- CULTURA POPULAR-----	27
1.3- CULTURA MATERIAL E IMATERIAL-----	30
1.4 – MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL-----	31
2 - A CULTURA POPULAR NO MUNICÍPIO DE CARINHANHA-----	32
3 –CULTURA POPULAR BRASILEIRA E PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS-----	40
CAPÍTULO II – METODOLOGIA	
2.1 A PESQUISA-----	43
2.2- O LOCAL DA PESQUISA-----	45
2.3- A COLETA DE DADOS-----	46
2.4-OS PARTICIPANTES DA PESQUISA-----	47
CAPÍTULO III - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS ENCONTRADOS	
3.1-PRIMEIRA CATEGORIA: CONCEPÇÃO DE CULTURA POPULAR APRESENTADA PELAS PROFESSORAS-----	48
3.2-SEGUNDA CATEGORIA: SENTIDO E SIGNIFICADO DE MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL PARA OS PROFESSORES-----	50
3.3 –TERCEIRA CATEGORIA: AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS POPULARES LOCAIS NA PROPOSTA PEDAGÓGICA E PRÁTICA PEDAGÓGICA DA ESCOLA-----	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	56
REFERÊNCIAS-----	58
APÊNDICES	
1-ENTREVISTAS: Com 05 professores e coordenadora pedagógica (turmas do 1º ao 4º ano)-----	61
3ª PARTE: PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS NO CAMPO DA PEDAGOGIA-----	64

1ª PARTE: MEMORIAL EDUCATIVO

1.1-O COMEÇO DE TUDO

Tudo começou com o casório da minha mãe com meu pai. Eles viveram 4 anos, esses quatro anos foram de tristeza e dor, minha mãe sofria violência doméstica até mesmo grávida, eu até nasci com uma marca de uma pancada que minha mãe levou na barriga.

Logo após meu nascimento, quando completei meus 2 anos de idade, meu pai recebeu uma proposta de emprego na cidade de Brasília, então, ele foi e disse que quando estivesse trabalhando voltaria para nos buscar, graças a Deus ele não veio até hoje! Há vinte e dois anos não o vejo. Falei com ele uma vez, por telefone, há mais de 10 anos, então, pus um ponto final nesta história.

A minha mãe guerreira, meu exemplo de vida, sempre desde muito nova trabalhou em casa de família, desde os onze anos de idade. Ela trabalhou na casa de uma família quase 30 anos. Fui criada nesse ambiente até os 5 anos de idade, logo após, fomos morar na casa da minha avó, onde já tinha mais 3 filhos morando com ela, 2 deles filhos com suas famílias. Na época tinha 16 pessoas na casa, crianças, bebês, adolescentes e adultos. Foi uma época difícil, lembro-me de muita coisa boa e ruim.

As coisas boas: eu consegui viver o máximo da minha infância, a gente brincava todos os dias, não importava se fazia chuva ou sol, estávamos lá brincando, a casa cheia de meninos e meninas, como não brincar, na rua, nas árvores, correndo, subindo em muros, no pé de goiaba.

As coisas ruins: como na época não se pagava bem os empregados e também morávamos de aluguel, era uma economia tremenda em casa, a gente comia o necessário, vestia e calçava até as coisas se acabarem. Lembro-me de um fato, que marcou demais minha vida: um dia eram quase 11h30min da manhã e eu deitada com minha mãe na cama, ouvi uma panela de pressão chiar, então perguntei a “mainha” se o almoço já estava quase pronto. Ela respondeu: - ô minha filha, não tem nada lá na cozinha não. E então fui ver e não tinha panela nenhuma na cozinha. Voltei e falei: - e agora mãe o que vamos comer? Ela respondeu: - não sei! Ficamos caladinhas, abraçadinhas, esperando a fome passar... Depois disto já passamos por cada coisa! E essas coisas creio eu que ajudaram na minha formação como pessoa, na construção do meu caráter.

Falar sobre mim não é uma tarefa fácil, porque é fazer uma reflexão complexa do eu interior e exterior, é fácil falar, julgar a examinar os outros, mas a nós mesmos é uma tarefa difícil. No entanto, vou tentar... Eu me chamo Joana D'arc Ferreira Pinto, tenho 24 anos, solteira, preta, evangélica, filha de Maria José costureira. Moro com minha mãe, não conheço meu pai. Quando criança morava na casa de minha avó, juntamente com minha mãe, seus irmãos e meus primos. Quinze pessoas na mesma casa!

Minha mãe trabalhava na casa de uma professora que ganhava muitos livros. Com isto ela formou uma minibiblioteca em um dos quarto da casa. Eu me lembro de que tinha acesso a esses livros e passava muito tempo dentro daquele quarto, lendo todo tipo de livro. Infelizmente a casa pegou fogo e destruiu a minha fábrica de sonhos.

Sou uma pessoa que lida muito bem com as outras pessoas, claro que sou um pouco tímida, mas quando passo a conhecer e ter um pouco de liberdade com uma pessoa, minha timidez fica de lado. Atualmente, faço parte de um grupo de teatro evangélico e trabalho na APAE como oficineira de teatro e isso faz com que eu me sinta ainda mais capaz de realizar o presente trabalho, porque com experiências em diversas áreas eu posso demonstrar no meu fazer pedagógico a capacidade que tenho.

Eu me sinto feliz por terminar a Licenciatura em Pedagogia, que foi um sonho bom realizado!

1.2-TRANSIÇÃO

É um período da vida que passamos por uma grande transformação, na busca da autonomia, nos permitindo um olhar diferenciado e crítico na entrada de um mundo até então desconhecido do saber acadêmico. Escolhi este título “Transição”, dentro do Memorial Educativo porque ele conta as etapas já vencidas, vivenciadas, transformadas, algumas fracassadas e outras de muita vitória. A transição é uma transformação, não somente na passagem da adolescência para a vida adulta, quanto na mudança de uma vida pré-destinada a ter um futuro menos promissor, para a escolha do novo.

O trecho, a seguir, que retirei do livro *Pequeno Príncipe*. Ele me chamou atenção pela mensagem profunda que parece vir da alma: “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas. Tu és responsável pela rosa- Eu sou responsável pela minha rosa... Repetiu o príncipezinho a fim de se lembrar”.

Essa rosa é meu futuro, minha vida, minha família, minhas raízes, minha comunidade, enfim, tudo aquilo que é importante para mim eu me torno responsável por cativar. E na sequência:

E voltou, então, à raposa:

- Adeus, disse ele...

- Adeus, disse a raposa. Eis o meu segredo. É muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos.

- O essencial é invisível para os olhos, repetiu o príncipezinho, a fim de se lembrar.

- Foi o tempo que perdeste com tua rosa que fez tua rosa tão importante.

- Foi o tempo que eu perdi com a minha rosa... Repetiu o príncipezinho, a fim de se lembrar.

- Os homens esqueceram essa verdade, disse a raposa. Mas tu não a deves esquecer. Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas. Tu és responsável pela rosa...

- Eu sou responsável pela minha rosa... Repetiu o príncipezinho, a fim de se lembrar. (SAINT-EXUPERY, 2005, p. 38)

1.3- MEUS PRIMEIROS PASSOS NA ESCOLA

Na minha formação educacional, eu comecei numa escolinha particular, onde por uma parceria eu não pagava a mensalidade, o nome da escola era Pingo Doce, estudei dois anos nela, fui alfabetizada lá, saí de lá lendo, escrevendo e contando. Logo após fui para uma escola pública chamada Lindaura Brito de Assunção, lá estudei até a 4ª série. Tive professores maravilhosos, como a saudosa professora Ovídia, entre outras tantas. Lembro-me que lá tínhamos um contato de respeito com o professor, mesmo assim não deixávamos de lado as gracinhas, travessuras, porque éramos crianças e não abríamos mão disso!

Até a quarta série eu era bem aplicada, fazia as tarefinhas todas, era organizada, só não era muito comportada, pois na época eu era colega dos meus primos. E, então, tiveram que separar a gente porque estava demais.

Naquela época era uma loucura quando se falava de estudar num colégio, era como tirar passaporte, e ainda por cima colocavam medo na gente, falando que lá ia ter vários professores, ia ter isso e aquilo. E foi isso mesmo que aconteceu, quando fui para a 5ª série no Colégio Educandário São José, onde estudei a 8ª série.

Na 5ª série lembro que foi um pouco estranho para mim, meus colegas não foram estudar lá e foi difícil fazer novas amizades, mas as que eu fiz tenho até hoje. Nesta série sofri Bullying. A filha da minha diretora era minha colega, ela toda bonita, com cabelão, toda arrumadinha, me chamava de urubuzenta. Usava este termo tão ridículo para se referir a mim como preta ou negra, ou qualquer que seja o apelido, eu ouvia aquilo caladinha, na minha, e não me arrependo de ter me comportado assim.

Na 6ª série tivemos que mudar de escola por causa de uma reforma do Colégio, e mudamos para uma escola do município, foi bom pra todos nós, tivemos uma relação bastante agradável. Foi uma época bem interessante, até uma tentativa de briga sofri, mas fugi, eu não ia apanhar em vão, de graça, não queria não. Lembro que uma vez os estudantes se ajuntaram e fizeram um protesto, com abaixo-assinado e tudo e levamos nossas queixas ao prefeito, reivindicamos a ele melhores condições de estudo, mostramos a estrutura da escola para ele, tudo isso aconteceu por causa do vandalismo que havia acontecido nos banheiros. E por fim não mudou nada, na minha concepção ele não levou em consideração, pensou que estivéssemos brincando ou qualquer coisa do tipo, só sei que ele nos deixou de mão, então, agimos por conta própria, tínhamos líderes nas salas e passávamos tudo o que acontecia para a direção.

Na 7ª série já estávamos de volta ao Educandário São José, novos professores, novos colegas, não demorou muito tive que ser transferida para o período matutino. Foi então que esbarrei na minha pedra. Uma professora de matemática cismou comigo, tudo era culpa minha, até o sol ser tão quente.

Quando estávamos quase perto do período de recuperação, 70% da sala ficaram para recuperação, e eu estava entre os indivíduos e, por incrível que pareça só eu perdi e fui repetente. Trágico isso não é mesmo? No início sim, depois, quando comecei a estudar fui

percebendo a diferença de como a minha mais nova professora trabalhava e a outra (o trauma da minha vida matemática), isso explica minha intimidação em relação à disciplina.

Na 8ª série, eu já estava na fase da adolescência, estava já ciente da minha entrada no ensino médio. Esta foi uma série inesquecível, mas lembro-me de pouca coisa, acho que minha memória lembra mais de coisas antigas do que as mais recentes.

1.3- NO ENSINO MÉDIO

Primeiros passos do ensino médio, o 1º ano. Sala lotada, todo dia era uma maratona para pegar carteira e quem chegava atrasado sentava até no chão, já aconteceu isso comigo, e na época achava até hilário, praticamente disputava cadeiras todos os dias. Tive uma professora maravilhosa, de Português. Ela ficou até o terceiro ano com a gente, eu me apaixonei por Literatura justamente por causa do incentivo que ela dava li diversos clássicos, como Gabriela Cravo e Canela, Os miseráveis, O Primo Basílio, entre outros. Desde pequena tive esse mundo de leitura, já vinha desde quando minha mãe trabalhava na casa da minha madrinha. Eu já lia aos seis anos e da ortografia não entendia muita coisa, mas me ajudou e muito.

No 2º ano do Ensino Médio, não me lembro de quase nada! Deu-me branco.

Para falar do 3º ano a reta final dessa fase e começo de outra grande etapa da minha vida, começo citando um trecho do livro de Clarice Lispector (1980, p.155).

Não haverá nenhum espaço dentro de mim para eu saber que existe o tempo, os homens, as dimensões, não haverá nenhum espaço dentro de mim para notar sequer que estarei criando instante por instante, não instante por instante: sempre fundido, porque então viverei, só então viverei maior do que na infância, serei brutal e malfeita como uma pedra serei leve e vaga como o que se sente e não se entende me ultrapassarei em ondas, ah, Deus, e que tudo venha e caia sobre mim, até a incompreensão de mim mesma em certos momentos brancos porque basta me cumprir e então nada impedirá meu caminho até a morte-sem-medo, de qualquer luta ou descanso me levantarei forte e bela como um cavalo novo.

Foi uma série marcante, só tinha 15 alunos, os melhores colegas que tive. Aconteceu de tudo, brigas, superações, ombro amigo, críticas, união. Lembro-me da nossa última gincana, tivemos que trabalhar juntamente com o outro 3º ano, que a gente não se dava bem, todo mundo tinha uma intriga, fazer o quê?

Nos preparativos para a gincana teve gente que madrugou pintando o muro do Colégio, perdemos nesta prova, imagine a briga que foi! Mas ganhamos a gincana, o primeiro lugar ficou com o nosso grupo. Foram lindas as apresentações, teve um teatro como abertura, pois a gincana era temática, se não me engano falava sobre aquecimento global, algo parecido. Ajuntamos várias sementes de árvores, frutas nativas da região. Então foi uma das atividades que marcaram nosso término do Ensino Médio. Logo depois veio o seminário de matemática, com nossa querida professora Neuza Gusmão, foi o seminário mais emocionante que já tive, momento da despedida dos meus colegas e da professora, foi um choro terrível, mas valeu a pena, foi lindo. Lindo. Lindo.

1.4- EU NA UnB: UM SONHO QUASE IMPOSSÍVEL.

- PRIMEIRO MOMENTO: O SUSTO!

Eu, universitária da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília? Neste pedaço de terra quase não visto no mapa? Pois é, isso mesmo sou eu Joana D'arc Ferreira Pinto, aluna da UnB, que aos poucos foi se adaptando ao revolucionário formato do curso, que desconstruiu a ideia de que o aprender só ocorre em uma sala de aula, vi que ocorre com todas as ferramentas possíveis, em diversos locais.

Caloura matuta, desvairada num mundo virtual, lembro como se fosse hoje, eu confusa, sem ter pelo menos noção da grandiosidade desse ingresso ao mundo universitário. Os primeiros semestres foram martirizantes, faltou o amor à primeira vista, mas o amor construído em etapas foi mais sólido, e isso fez a diferença, fui me envolvendo aos poucos, detalhes foram me convencendo, me cativando e quando vi, estávamos nos amando. Penso que não foi só um curso qualquer, foi uma etapa da vida que iniciou outra nova vida, a do conhecimento. Eu dei a continuação da luz do conhecimento por vontade própria.

Com o término do ensino médio, fiquei um ano só trabalhando, logo depois eu fiz minha inscrição para o vestibular da FTC e UnB, passei nas duas, tive que optar, preferi a UnB mesmo não sabendo quão grandiosa era sua dimensão.

No dia da prova eu não estava legal, tinha chegado de viagem, dormi pouco e estava cansada, mesmo assim fiz e por um milagre divino passei, até hoje guardo a minha prova. Fiz minha matrícula no último dia, eu estava louca para fazer Letras, deu um problema na hora da matrícula e tive que ir para Pedagogia. Hoje vejo que não foi um problema e, sim, a direção certa para um caminho certo sem arrependimentos!

Eu perdida, saindo do colegial e indo para uma universidade, aqui na minha realidade simples e humilde, era uma grande felicidade. Pensem na reação da minha mãe e das pessoas que conhecem toda minha história de vida? Minha mãe não se aguentava de tanta felicidade, ela que me criou para não depender de esposo e sim ter liberdade, como ela ficou feliz em saber que minha realidade ia ser bem diferente da que ela teve.

No primeiro semestre, quase entrei em pânico, depressão na certa, eu não conseguia me organizar, pressão rolando o tempo todo, e eu ainda não estava entendendo o sistema, tinha perdido um pouco o interesse pela leitura, e a novidade do momento, internet e computador, aqui em Carinhanha era chique demais.

Minhas dúvidas, meus medos, incertezas, mudança de comportamento e visão ante o mundo mudando a cada dia, hoje posso dizer que estou começando a saber o que é uma crítica. Eu só falo do que realmente sei estudar e compreendo. O mundo é complexo e mais complexo ainda são as cabeças, ou ideias que cada um de nós tem.

As disciplinas que me marcaram grandemente foram: Antropologia, Educação Hospitalar, Projeto 4 fase 2 – Ensino Fundamental, Educação em Geografia, Políticas Públicas Educacionais. São tantas disciplinas essenciais para mim que não dá para descrever todas. Vou falar das que mais contribuíram para a minha formação acadêmica.

A primeira sem dúvidas foi Antropologia, com a professora Rosângela, inesquecível, complexa e desafiadora, aprendi com ela conceitos nunca vistos por mim, a visão de mundo que eu tinha foi se abrindo, fui saindo do meu mundo e conquistando liberdade. E lembro sempre de

uma frase que a professora Rosângela citava e que diz muito para mim: “O mundo muda quando eu mudo”.

Outra disciplina inesquecível foi Educando com necessidades Especiais, onde pude compreender um pouco sobre como trabalhar e respeitar limites dos alunos ou de outras pessoas que não estão inseridas no contexto escolar. A disciplina Introdução à Classe Hospitalar também foi essencial, lembro até hoje do vídeo “Doutores da alegria”, emocionante e motivador, que nos mostrou o amor, a entrega a serviço do outro, o cuidado, o respeito e, acima de tudo, a capacidade que o ser humano tem de fazer o outro feliz.

Para somar a minha trajetória na faculdade, a disciplina de História, Identidade e Cidadania, foi muito útil para nortear o meu projeto até chegar ao TCC. Os projetos I, II, fase I- projeto 3- fase II, projeto IV- fase I e II e agora o TCC projeto V- fase 2, foram indispensáveis na elaboração, na escolha e no aprofundamento do tema escolhido para pesquisa.

Todas as disciplinas foram significativas para mim, nenhuma delas passou despercebida do meu olhar, cada qual fez parte do aprendizado que foi se transformando a cada semestre. Então, sou grata a todos os professores e tutores. E quanto à disciplina Projeto 5 – fase, sob a coordenação da professora Neuza Deconto e a Orientadora a distância Laila de Mauro, é satisfatório saber que podemos contar com competentes profissionais para orientar o TCC, só tenho que agradecer pela colaboração.

Creio que a fase bem mais difícil foi a do estágio, onde nos dedicamos a buscar a compreensão da realidade vivida. Essa compreensão se deu através de um simples ato de amor que recebi e dei, reciprocidade total, daí percebi que não adiantava ter os melhores conteúdos, as melhores escolas e os melhores professores, pois se estes não fossem cheios de amor nada teria sentido, seria tudo tão artificial. Esta é a minha visão de compreensão do estágio, esta afirmação se reforçou quando me deparei com o pensamento de Alves, que diz assim:

O nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança: tudo começa com um ato de amor: Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. É a semente do pensamento é o sonho. Por isso os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam se especialistas em amor: interpretes de sonhos. (ALVES, p. 128).

O estágio foi uma fase muito linda, que proporcionou ter uma construção do saber única por causa da experiência vivida diretamente na sala de aula, podendo fazer diagnósticos e a intervenção. Confesso que na primeira fase eu não tive sucesso, fiquei triste, pois não saiu do jeito que eu imaginei o resultado não foi como esperado, faltou autoconfiança, até mesmo despreparo, faltou até mesmo entrosamento com a regente, aí não fluiu.

Já na segunda fase, eu estava como monitora numa sala de aula e bem familiarizada com a regente e com os alunos. Gostei do trabalho que fiz interdisciplinar e lúdico, sem abrir mão da fase do letramento. Preparei bem para fechar pelo menos com 50% da minha expectativa. Sem contar que tive uma ajuda gigantesca da professora, tenho que agradecer muito a ela por ter me orientado, me conduzido. Obrigada professora Maria do Socorro Sena.

Fechando aqui meu memorial, estou terminando a faculdade, ainda não me casei, isto é trágico. Nesse meio tempo, eu fiz oficinas para melhorar meu desempenho, pelo menos de comunicação, pois minha oralidade deixava a desejar.

Para concluir, expresso aqui a satisfação que tenho e o orgulho de poder afirmar quão grande foram à alegria de construir o projeto de pesquisa e o TCC (trabalho de Conclusão de Curso). Uma satisfação tão grande que não cabe dentro de mim. Foi um período delicado, de construção de ideias próprias e embasadas, cuja dedicação teve que ser maior, por se tratar de um curso que nos prepara para encarar a vida, a realidade, mas também permite viver a utopia, pois sem sonhos não teríamos condição nenhuma de concluir qualquer projeto de vida.

Para finalizar apresento a música que marcou meu primeiro grêmio estudantil como professora, pois foi a primeira apresentação que tive o prazer de participar, juntamente com os alunos. Na época eu era monitora e tive a responsabilidade de cuidar deles no grêmio estudantil, porque a professora regente precisou se ausentar por conta de uma formação que ela estava fazendo.

Os meus olhos coloridos
Me fazem refletir
Eu estou sempre na minha
E não posso mais fugir...

Meu cabelo enrolado
Todos querem imitar
Eles estão baratinado
Também querem enrolar...
Você ri da minha roupa
Você ri do meu cabelo
Você ri da minha pele
Você ri do meu sorriso...
A verdade é que você
Tem sangue crioulo
Tem cabelo duro
Sará, sarará
Sará, sarará
Sará crioulo...
(Olhos Coloridos – Sandra de Sá)

Referências:

EXUPÉRY, Antoine De Saint. O Pequeno Príncipe – Livro Virtual< Disponível em:
[L P://www.portaldetonando.com.br](http://www.portaldetonando.com.br) – acesso 01/03/2013 às 15:05.

LISPECTOR, Clarice. Perto de um Coração Selvagem – Livro Virtual< Disponível em:
www.portaldetonando.com.br/forumnovo/ acesso 02/05/2013 às 15:11.

LOPES, M. L. L. A Criança Descobrimdo, Interpretando e Agindo sobre o Mundo. – Brasília: UNESCO, Banco Mundial, Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho, 2005. 128 – 136 p. – (Série Fundo do Milênio para a Primeira Infância Cadernos Pedagógicos; 2).

SÁ, Sandra de. Música Olhos Coloridos<Disponível em: <http://www.cifraclub.com.br/sandra-de-sa/olhos-coloridos/> acesso 10/11/2013 às 23:40.

2ª PARTE: TRABALHO MONOGRÁFICO

INTRODUÇÃO

O trabalho monográfico, aqui apresentado, buscou abordar as manifestações da cultura popular brasileira tais como: as danças, festas populares e folguedos, que ocorrem no município de Carinhanha/BA, e suas possibilidades no contexto escolar. Acredito que as práticas pedagógicas no Ensino Fundamental podem contribuir com a valorização e reconhecimento das manifestações da cultura popular brasileira, em sua dimensão de memória e identidade cultural da população local e do Brasil como um todo. As danças, as festas, os autos, os cortejos e os folguedos populares são expressões ricas da diversidade cultural brasileira. Em Carinhanha, Estado da Bahia não é diferente.

A escola, como um espaço público pode ser um ambiente privilegiado para aprendizagens que envolvam o reconhecimento, o respeito e a valorização pelas culturas populares de um modo geral e, em especial, aquelas manifestações que ocorrem em nosso município. O conhecimento das formas de expressão materiais e imateriais de nossas manifestações culturais populares, em sua complexidade histórica, geográfica, social, artística, religiosa, poderá, quem sabe, levar nossas crianças e jovens a reconhecer-se e orgulhar-se e redescobrir suas raízes e as belezas que estão guardadas na memória de seus pais, avós e da comunidade onde estão inseridos.

No município de Carinhanha há uma diversidade de manifestações populares, tais como: o Reisado, a Mulinha de Ouro, Reis de Boi, Dança dos Caboclos, Terno, Contra Dança, Dança de São Gonçalo, Escola de Samba, Macun Le lê e Encomendação de Almas. Dentre as principais festas podemos destacar a Festa do Divino, e a Festa de São João. Nessas manifestações participam pessoas idosas, jovens e crianças de todo o município.

O meu interesse por essa temática surgiu a partir do momento em que presenciei um ensaio aberto da dança dos caboclos em maio de 2013. Sempre que via as apresentações da Dança dos Caboclos me chamava muito à atenção, mas nunca soube de onde surgiu a dança, as músicas, a performance como um todo. Resolvi buscar e conhecer essa manifestação popular e esse estudo e reflexões me permitiram observar outras ricas e múltiplas expressões artístico-culturais que dão sentido e singularidade ao povo de nosso município, e que estão pouco a pouco se perdendo.

Esta dança tem como objetivo resgatar a nossa origem indígena, a beleza, o canto, as emoções e a importância que este grupo tem para nossa comunidade. O grupo dos Caboclos faz apresentações ritualísticas na Festa do Divino, apresenta-se em julho, no Encontro das Águas e dos Amigos. No grupo, uma pessoa toca a viola. O restante dos caboclos bate o arco nas flechas para marcar a pulsação nos cantos. E trata-se de uma manifestação que há mais de 70 anos vem passando de geração a geração.

Diante da situação-problema captada por meu olhar como futura pedagoga, percebi que ainda são raros os estudos sistematizados em torno da temática da cultura popular brasileira e suas possibilidades pedagógicas no contexto escolar, Embora saiba que o presente estudo é uma modesta reflexão, espero contribuir para as discussões e as práticas pedagógicas que incluam as manifestações de nossa cultura popular.

Nesse sentido, vale a pena salientar a importância deste estudo para mim e para a comunidade escolar na qual estou inserida, no sentido da necessidade de reconhecer e valorizar parte de nossa memória e identidade cultural. A escola é um dos lugares privilegiados para a vivência, discussão e reflexão sobre essas questões fundamentais que dizem respeito à identidade e memória cultural. Além disso, afirmar os valores éticos, estéticos e culturais dessas manifestações populares é uma forma de resistência à hierarquização das “expressões culturais e sua articulação em culturas subalternas e culturas dominantes” (SILVA, p. 9, 2008). É premente um novo olhar para o processo cultural por inteiro, assim como da educação e da escola. A cultura popular brasileira é um manancial infindável de conhecimentos, saberes e fazeres, maneiras de pensar e vislumbrar nossas relações sociais, com propostas que possam reinventar o sentido do viver e nossa dimensão de humanidade.

Ensinar e aprender com as manifestações da cultura ou das culturas populares, necessariamente, não se dá apenas no espaço escolar. Na verdade, esse aprendizado é intenso e muito significativo no convívio com nossos pais, avós, tios, tias e demais membros da comunidade onde nos inserimos. Entretanto, se quisermos realmente um projeto mais equilibrado e humano de desenvolvimento nacional, temos que ser capazes de reorientar a escola e a educação imprimindo-lhe um sentido menos utilitarista e menos instrumental. Os saberes e fazeres próprios das

manifestações culturais populares, na figura de seus mestres e mestras, seus brincantes trazem possibilidades reais de tornarmos a escola um espaço pluricultural, multiétnico e diverso.

São muitas as contribuições que as manifestações culturais populares trazem para a escola; todavia, a mais importante talvez seja a possibilidade “que as manifestações culturais populares têm de, uma vez integradas no interior do sistema e do processo de ensino formal, revolucioná-lo. A começar por nos permitir pensar algo mais amplo: quem sabe, uma nova e mais humanizada estratégia de educação”. (SILVA, p.15, 2008)

Com o sentido de melhor aprofundar o estudo sobre o tema de minha escolha, foi necessário fazer um recorte, ou a delimitação do mesmo, que assim ficou definido: As manifestações da cultura popular do município de Carinhanha – Festas, folguedos e danças no contexto do Ensino Fundamental I, em turmas do 1º ao 4º ano, de uma escola da rede municipal de ensino. A partir dessa delimitação, formulei a seguinte pergunta de pesquisa: Em que medida as manifestações da cultura popular do município – festas, danças e folguedos se fazem presentes nas práticas pedagógicas nas turmas do 1º ao 4º ano do Ensino Fundamental I da escola pesquisada? A seguir, defini o objetivo geral do presente estudo, assim delineado: Analisar como as manifestações da cultura popular local são tratadas na prática pedagógica das professoras que atuam do 1º ao 4º ano – uma turma de cada ano – do Ensino Fundamental da escola pesquisada. E foi necessário estabelecer três principais objetivos específicos, que assim ficaram enunciados: a- Analisar a concepção de cultura popular dos professores que atuam do 1º ao 4º ano do Ensino Fundamental da escola pesquisada; b- Investigar o sentido e o significado de memória e identidade cultural para os professores que atuam nas turmas de 1º ao 4º ano do Ensino Fundamental da escola pesquisada; c- Verificar como as manifestações culturais populares locais – festas, folguedos e danças – são contempladas na proposta e na prática pedagógica da escola.

Para realizar a investigação optei pela abordagem qualitativa da pesquisa de caráter descritivo e utilizei como instrumento de coleta dos dados a entrevista semiestruturada. Com base nas falas das entrevistadas, organizei as análises em três categorias, de acordo com os objetivos da pesquisa.

Finalmente, apresento a estrutura deste trabalho monográfico de conclusão do curso de Pedagogia a Distância, que foi dividida em três partes. Na primeira parte está o memorial educativo, com relato dos principais fatos do percurso da minha escolarização. Na segunda, a monografia

propriamente dita, que foi organizada em três capítulos e considerações finais. Na terceira e última parte estão as minhas perspectivas profissionais no campo da Pedagogia, após a conclusão do curso.

CAPÍTULO I

REFERENCIAL TEÓRICO

1– Cultura no Brasil

A cultura é parte integrante do homem, desde os mais remotos tempos de sua existência no planeta terra. Ela é parte essencial das relações de qualquer grupo humano, definindo social e individualmente todos os integrantes desses grupos. Ao viver, o homem produz história construindo e reproduzindo seus percursos e sua caminhada através da cultura. É a cultura o traço distintivo entre os seres humanos e os outros animais.

A música, a dança, jeitos de comer, dormir, rezar, cantar, sonhar, os costumes e os valores expressam a identidade e a memória de um indivíduo ou de uma sociedade humana. A cultura, portanto, significa o modo de vida de um povo e se traduz em seus atos e elaborações cotidianas materiais e imateriais. A cultura varia no tempo e no espaço, modificando-se, transformando-se conforme as relações estabelecidas entre grupos sociais e/ou gerações, expandindo seus repertórios e/ou alguns aspectos culturais. Dado seu caráter dinâmico e contínuo a cultura é passível de momentos de grandes desenvolvimentos e transformações, estancamentos, ou até retrocessos.

Para (LARAIA 2009) cultura é vista como o conjunto de manifestações, sendo elas artísticas, sociais, linguísticas e comportamentais de um povo ou de uma civilização. Portanto, fazem parte da cultura de um povo as seguintes atividades e manifestações: formas de organizações sociais, hábitos alimentares, pensamentos, invenções, música, dança, teatro, rituais religiosos, arquitetura, a língua falada e escrita.

No contexto dessa discussão introdutória em torno da ideia de cultura é importante destacar o que ensina Brandão (2007):

A cultura é e está tanto nos atos e nos fatos através dos quais nós nos apropriamos do mundo natural e o transformamos em um mundo humano, quanto está nos gestos e nos feitos com que nos criamos a nós próprios, ao passarmos – em cada indivíduo, em um grupo humano ou em toda a nossa espécie – de organismos biológicos a sujeitos sociais, ao criarmos socialmente os nossos próprios mundos e ao dotá-los e a nós próprios de algum sentido. (p.9).

A discussão sobre o conceito de cultura é bastante complexa e polissêmica. É preciso pensa-la como algo dinâmico, plural e não uniforme. Nosso país é um bom exemplo disso, cada região tem suas peculiaridades, que podem ser considerados traços culturais únicos. Em uma única comunidade, nos maravilhamos com a diversidade cultural ali presente. Ao lançarmos um olhar sobre o município de Carinhanha constata-se, de imediato, essa realidade. Há um leque múltiplo e rico de manifestações que aqui expressam em cada uma de suas celebrações, entre elas, podemos destacar: Os cortejos de Reis e Reisados que, em seu contexto se apresentam folguedos como a Mulinha de Ouro, o Bois de Reis, entre outros. O carnaval de rua e de clubes, a Dança dos Caboclos. No campo da religiosidade popular, temos a festa do Divino, a festa de São João com suas quadrilhas, muito milho, quentão, quermesses, fogueiras, uma beleza. Merece destaque em nosso município, o ritual de Encomendação das Almas, uma prática do denominado catolicismo popular, que ocorre na madrugada da Semana Santa, com um cortejo de homens e mulheres que entoam cantos lamentosos e rezas para saudar os que já se foram e lembrar aos vivos que a morte é certa e inexorável.

Somos criadores de teias e tramas, redes e sistemas de regras, códigos de procedimentos e de conduta e as leis. Nossas relações sociais são permeadas por uma espécie de “gramática de relacionamentos” que, em certa medida, marca nossos gestos, ideias, visão de mundo, linguagens, ideologias e religiões. A poesia, a música, as rezas, as danças, os rituais de nascimento, acasalamento, a morte, os brinquedos e as brincadeiras, são alguns dos outros fios também engendram nossas tramas simbólicas de viver e existir, e vão definindo a dinâmica dos processos culturais.

O Brasil com sua vastidão territorial, sua diversidade linguística, miscigenação racial, suas cores, ritmos, gera uma dinâmica cultural pluriétnica e multifacetada. Bossi (2003, p.8) assim se expressa quanto à heterogeneidade da cultura brasileira:

(...) não existe uma cultura brasileira homogênea, matriz de nossos comportamentos e de nossos discursos. Ao contrário: a admissão do seu caráter plural é o passo decisivo para compreendê-la como um “efeito de sentido”, resultado de um processo de múltiplas interações e oposições no tempo e no espaço.

Cada grupo, cada sociedade tem sua própria cultura, não havendo, portanto, a ideia de unidade cultural, ou até da chamada “identidade nacional”. Culturalmente, nossos pais revela uma rica heterogeneidade. Isso pode ser constatado pela peculiaridade de nossas manifestações culturais populares. Em Pernambuco destacamos o frevo, o maracatu, o intenso carnaval de ruas com seus bonecos gigantes subindo e descendo as ladeiras de Olinda, temos também o Cavalo Marinho, os Caboclinhos, entre outros. Na Bahia, o carnaval de rua com seus trios elétricos, e o afoxé Filhos de Gandhi, além é claro, dos notáveis festejos juninos celebrando São João, tornaram-se uma referência importante de nossas manifestações culturais populares. No Maranhão o Tambor de Crioula, o Cacuriá e Bumba-meu-Boi, marcas particulares da cultura do estado. No Pará destacamos o Carimbó, a festa do Círio de Nazaré. No Sudeste e Centro Oeste destacamos o Gongado ou Reis de Congo, Moçambique em homenagem a São Benedito, Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia. No Sul temos o Boi-de-Mamão, o Fandango, só para citar algumas de nossas mais importantes manifestações populares em sua diversidade e riqueza.

O universo das manifestações culturais populares com suas festas, danças, folguedos, cortejos, autos, são praticas culturais existentes que se fundam em tradições influenciadas por vários povos e etnias, não homogêneas e compõem, juntamente, com outras praticas sociais a nossa cultura brasileira como uma bela colcha – colorida, múltipla e rica.

1.2- Cultura Popular

A cultura popular é um complexo universo que abriga padrões de comportamentos e crenças de um povo. Para Arantes (2000) os elementos culturais nada significam se olhados individualmente, e que a cultura é constituída de sistemas simbólicos que se articulam em seus significados e que são compreendidos de forma diversa pelos diferentes grupos sociais, ganhando sempre novos significados. Alerta ainda o autor, que o sentido mais profundo da cultura popular, ou outra, é a “arte de construir com cacos e fragmentos um espelho onde transpareça o mais abstrato e geral num grupo humano” (2000, p. 78).

Arantes (2000), afirma que cultura popular não é um conceito bem definido pelas Ciências humanas e pela Antropologia social. Seus significados são heterogêneos, remetendo a um amplo aspecto de concepção. Pode-se atribuir à cultura popular o conceito de saber, como também a função de resistência a dominação de classes.

Esse vasto, complexo e heterogêneo universo da cultura popular brasileira como campo de conhecimento e pesquisa, de fato, ainda é pouco debatido e discutido em nosso país, de um modo geral. No intuito de conceituar introdutoriamente e contextualizar cultura popular no presente estudo, termo pleno ambiguidades e múltiplas definições, Gabriel (2008) assim explicita seu entendimento do termo:

Cultura dinâmica, presente no meio rural e urbano, que junta tradição e atualidade sempre em transformação, um encontro entre tempos e espaços, com essência de brasilidade, juntando o local com o global, o velho e novo, completando um com o poder do outro (p.77).

Os debates sobre cultura popular/folclore sempre estiveram e estão na atualidade, gravitando em torno da necessidade de dois termos: folclore e cultura popular. Esses dois termos-folclore e cultura popular abrigam uma abundante produção de atividades artísticas e muitos processos culturais vivos e pulsantes, exigindo de nós reflexão e problematização permanente. Freire (1993, p. 31) afirma:

Quando falamos de cultura popular estamos nos referindo não apenas às manifestações festivas e às tradições orais e religiosas do povo brasileiro, mas ao conjunto de suas criações, às maneiras como se organiza e se expressa, aos significados e valores que atribui ao que faz (...).

De acordo com Burke (1989, p.25) “a Cultura Popular é definida muitas vezes como a cultura não oficial, ou da elite, cultura de menor valor ou ainda cultura das classes subalternas” Essas definições remontam o século XVIII, e, ainda conforme o mesmo autor (p.27) “só passou da periferia para o centro dos interesses dos historiadores nos últimos quinze anos”. O interesse pelo assunto na verdade, de acordo com o autor, apareceu entre 1.500 a 1800, por um pequeno grupo de intelectuais alemães, posteriormente, espalhando-se por outros países da Europa.

Ainda conforme Burke (1989, a cultura popular foi bombardeada pelo crescimento, antes ainda de revolução industrial, e o processo de erradicação do analfabetismo se acelerava e as condições das estradas da Europa melhoraram em toda Europa).

A exemplo da Europa, no Brasil os estudos sobre folclore e cultura popular se iniciam por volta da metade do século XIX, com Silvio Romero, Mário de Andrade, Amadeu Amaral, Câmara Cascudo, Cecília Meireles, Edison Carneiro, para mencionar apenas alguns estudiosos. Nesse momento histórico e social do país, se buscava a construção de uma identidade nacional. No entanto, a cultura popular, conhecida como a cultura que é criada pelo povo e que se articula com uma concepção de vida e uma visão de mundo, sempre se fez presente na história de nossa sociedade e na história da humanidade em geral. E destacamos nessa reflexão, o conceito de Rocha (1996, p.26) sobre cultura popular:

A cultura popular é a forma de viver de um indivíduo ou grupo social não direcionada por instituições. Não é de caráter temporário ou modismo, mas aprendida pela tradição, resultando do cotidiano familiar e comunitário, temporal e espacialmente.

A transmissão dos saberes e fazeres próprios do sistema de conhecimento das manifestações da cultura popular está baseado na oralidade. A aprendizagem desses saberes e fazeres é transmitida de geração a geração inserida na dinamicidade dos processos culturais, daí a imensa capacidade que tem as expressões culturais populares em resistir e se transformar mantendo sua essência de memória e identidade.

A construção de identidades, evidentemente, é parte da polifonia de gestos, ações, expressões, modo de ser de indivíduos e grupos sociais. No entanto, as manifestações artístico culturais tais como as danças, os cortejos, as festas populares, os autos e os folguedos, trazem em si, um manancial rico de identidade e memória, revelando a dimensão simbólica, material e imaterial dos grupos que as praticam.

1.3- Cultura Material e Imaterial

Com base no texto de Brandão (2009) a cultura material se realiza e representa o processo e os produtos do trabalho dos seres humanos, nos atos de transformação da em um mundo intencionalmente criado, pois uma casa construída, por exemplo, em qualquer lugar é um produto do fazer humano na criação da cultura através de ações que envolvem práticas fundadas em diversos saberes.

Já a cultura imaterial não está centrada em seus produtos materializados, como nas ferramentas usadas pelo homem para a construção de uma casa em uma metrópole ou uma choupana do interior, mas está na forma como pessoas e grupos sociais organizam conhecimentos, significados, sociabilidades e outros, que e como atribuem e compartilham socialmente seu simbolismo, com as palavras e ideias. Dessa forma, fazem parte da cultura imaterial, entre outros, todo tipo de expressão oral, artes interpretativas, interações sociais, rituais e eventos festivos.

Nesse sentido, Vianna (2008), ressalta que a atual legislação que trata da proteção do patrimônio cultural brasileiro, tem como referência as recomendações da UNESCO, observadas nas mudanças que ocorrem na sociedade e no indivíduo, ao longo da história. E afirma:

Nos artigos 215 e 216 da Constituição promulgada em 1988, o conceito de Patrimônio Cultural abarca tanto obras arquitetônicas, urbanísticas e artísticas de grande valor o patrimônio material quanto manifestações de natureza “imaterial”, relacionadas à cultura no sentido antropológico: visões de mundo, memórias, relações sociais e simbólicas, saberes e práticas; experiências diferenciadas nos grupos humanos, chaves das identidades sociais. Incluem-se aí as celebrações e saberes da cultura popular as festas, a religiosidade, a musicalidade e as danças, as comidas e bebidas, as artes e artesanatos, os mistérios e mitos, a literatura oral e tantas, tantas expressões diferentes que fazem nosso país culturalmente tão diverso e rico. (VIANNA, 2008, p. 121).

Observar a questão da cultura material e imaterial se faz necessária, na medida em que se busca preservar o patrimônio de nossa cultura, as manifestações culturais espalhadas pelo imenso território brasileiro e reafirmar a importância de valorizar as manifestações culturais locais.]

1.4 – Memória e Identidade cultural

A definição de memória segundo SILVA (2008) refere-se a uma faculdade humana. Para ele:

A faculdade de conservar estados de consciência pretéritos e tudo o que está relacionado a eles. Bem, a faculdade da memória é responsável por nossas lembranças. Certo, mas falar de lembranças é falar necessariamente de quem lembra. Ora, quem efetivamente recorda são os indivíduos. Portanto, toda memória humana é memória de alguém, de um indivíduo. (p.85)

Trata-se de um ato individual, mas como o homem vive e interage com seus pares na sociedade, é também um ato social. Trocamos e construímos saberes, experiências, tradições, costumes e crenças nos grupos sociais, que acabam se constituindo em características que são identificadas em determinado grupo, formando a memória coletiva. E esta representa a cultura de determinado país, região, cidade, comunidade.

A memória de um povo se constrói por meio de fontes diversas que inclui relatos de histórias pessoais, familiares e coletivas, que se integram e são reconhecidas nos “lugares de memória”, nos quais se reconhece a identidade cultural desse povo, como explica Horta (2005, p. 37):

O historiador Pierre Nora definiu como “lugares de memória” 2 locais materiais ou imateriais nos quais se encarnam ou cristalizam as memórias de uma nação, e onde se cruzam memórias pessoais, familiares e de grupo: monumentos, uma igreja, um sabor, uma bandeira, uma árvore centenária podem constituir-se em “lugares de memória”, como espelhos nos quais, simbolicamente, um grupo social ou um povo se “reconhece” e se “identifica”, mesmo que de maneira fragmentada. Estes “lugares”, ou “suportes” da memória coletiva funcionam como “detonadores” de uma sequência de imagens, ideias, sensações, sentimentos e vivências individuais e de grupo, num processo de “revivenciamento”, ou de “reconhecimento”, das experiências coletivas, que têm o poder de servir como substância aglutinante entre os membros do grupo, garantindo-lhes o sentimento de “pertença” e de “identidade”, a consciência de si mesmos e dos outros que compartilham essas Vivências (...)

Nesse contexto, a escola tem papel fundamental, uma vez que por meio da educação é possível resgatar e significar esses lugares de memória, na realidade histórica, social e cultural de

seus alunos, favorecendo o despertar do sentimento de pertencimento e identidade com a cultura popular local, regional e brasileira.

A comunidade vivencia sua cultura em suas diversas formas de manifestações populares, nas festas, folguedos, danças e outras, organizadas e apresentadas por grupos formados pelas próprias famílias, que preservam as tradições de geração a geração. Dessa forma, é essencial que a escola se reconheça como instituição pertencente a esta comunidade e trabalhe de forma integrada com seus membros, procurando valorizar e preservar sua memória e identidade cultural.

2. A cultura popular no Município de Carinhanha

O sertão brasileiro é fortemente marcado pela influência da cultura indígena e africana, principalmente na Bahia. Esta influência aparece nos traços da população, como: a cor da pele, os costumes, as lendas locais, a alimentação, as canções. E no município de Carinhanha os caminhos não foram diferentes, em sua cultura popular estão enraizados os traços dos sertões baianos e podemos observar que suas manifestações culturais são variadas. Temos festas, folguedos e danças, como: as festas juninas, a festa do divino, reis de caixa, reis de boi, mulinha de ouro, a dança dos caboclos, a capoeira (macun lê lê), ternos, o carnaval de rua, os contadores de história e anedotas, cordéis, repentistas, encomendação de almas e outras. As principais, são caracterizadas, a seguir:

-Terno de Reis

Em Carinhanha, a cultura rica e diversificada se manifesta nos ternos. Uma folia que começa no dia 25, dia de natal e continua durante o mês de janeiro. A cidade adormece e desperta ouvindo o batuque dos tambores, no período de 1 a 5 de janeiro, na simplicidade das suas cantorias, acompanhadas por tocadores de viola, caixa, reco-reco, dois pandeiros e caracaxá, um grupo de homens sai de casa em casa cantando em homenagem aos Santos Reis, nas quais as ofertas fazem a alegria dos que religiosamente cumprem a sua missão. No dia 6 de janeiro, tem a reza em comemoração a Santos Reis que se realiza na residência do chefe (mestre).

Segundo contam os moradores de Carinhanha, o clima de festa envolve, durante o período de janeiro, as comunidades, muito particularmente as que estão na sede do município. Ano após ano, vivem os carinhanhenses a emoção de acompanhar as apresentações dos Ternos de Reis que dançam nas casas em troca das ofertas de comida, bebida e algum dinheiro, isso por que neste período é tempo de festejar os santos reis, ou seja, é uma homenagem aos três reis magos que foram visitar Jesus em seu nascimento, então os reiseros daqui sai de casa em casa visitando as casas que conservam a cultura da lapinha e as que também não conservam para visitar e ali fazer as cantorias.

- Festa Junina

A festa junina acontece em todo mês de Junho, a festa está ligada a igreja católica, ou melhor, ela é uma homenagem ao Santo João Batista, por isso é chamada de São João. Ela acontece em toda região, desde a sede a zona rural, começa com o acendimento da fogueira, tem casas aqui que ainda conservam este costume, já outras não. Neste período, toda casa que você for lá irá oferecer alguma comida típica: canjica, cural conhecido como mingau de milho, animais assados.

As quadrilhas que se apresentam nem sempre é dos componentes da paróquia, a maioria são de escolas. Quando elas se apresentam, barracas são montadas e as comidas e bebidas típicas são vendidas, essas comidas e bebidas são: arroz de leite, canjica, amendoim assado, cozido e cru, quentão, licô de jenipapo, pinga caseira etc.

Há uns oito anos fundaram em Carinhanha uma quadrilha diferente, ela é chamada de Quadrilha dos Quadrados, composta só por homens, rapazes vestidos de mulheres e rapazes de homens mesmo.

Ela virou tradição na cidade, agora até banda se apresenta nesta festa, a proporção desta quadrilha a cada ano aumenta, pois ela é cheia de graça ousada e divertida.

-Terno Reis de Caixa

O Rei de Caixa é também conhecido por *samba de caixa ou samba no pé*. Há quem pense que são manifestações diferentes, mas os nomes representam na verdade um único Rei. No ritmo da caixa e no sabor da jurubeba, bebida muito apreciada pelas reiseras no momento do Reis, um grupo de senhoras que dançam e cantam o samba do Reis de caixa. O som é marcado pela caixa, um pequeno tambor feito de madeira, corda e couro de animal. Duas baquetas de madeira somadas a um bom batedor de caixa fazem o som que marca os passos das mulheres que fazem o Reis de Caixa. O grupo é formado por mulheres de origem humilde e simples. São donas de casa, lavradouras e pescadoras. Os homens quando presentes são responsáveis pela música, tocando instrumentos: caixa, pandeiro, flauta, e, às vezes um prato, em que se utiliza uma colher ou faca para tirar-lhe algum som. (MACKELLENE, et al, 2012, p. 255 – 256).

Ouri, viva, ouri, viva,

Viva os três Reis meu (bis)

Vivo José e Maria, Jesus Cristo verdadeiro.

Ouri, viva, ouri, viva.

Viva nossos Santos Reis

Viva no viva nosso Santos Rei

'Qui de fora nós

Dentro viva você

(canto de pedido para abrir a porta da casa)

-Terno das Ciganas

Segundo Mackellene (2012) em meados de 1996 um grupo de professoras preocupadas com o resgate cultural e preservação da história local, buscaram através de suas lembranças reavivarem o terno das ciganas, que antigamente era feito por Dona Maria do bate-papo. Começaram a organizar as moças e moços com toda pompa e requinte. Levavam dois meses de ensaio, as apresentações começavam no dia 1º de janeiro e até o último dia deste mesmo mês, as apresentações eram feitas nas casas que solicitavam a presença desse terno e apresentavam sua famosa dança: a Zíngara.

O grupo era acompanhado pela Filarmônica Pedro Leite do município de Carinhanha/BA, com instrumentos de sopro: saxofone, clarineta, pandeiro e surdo. As moças vestiam saias rodadas longas, de cor vermelha com enfeites dourados e blusas também com detalhes dourados, os

acessórios para completar o visual eram colares, pulseiras, bandana vermelha ornamentada com moedas douradas e chinelos nos pés. Os meninos vestiam calça preta, com uma faixa vermelha na cintura, camisa branca de manga longa, com um colete preto, um lenço vermelho no pescoço e nos pés sapato preto. Faziam duas filas indianas: uma com as moças com seus pandeiros batendo ao ritmo das marchas, e a outra com os meninos. No centro, uma moça levava o estandarte com o nome do grupo e uma cigana desenhada. O costume era seguir até a porta da igreja para pedir a bênção, em seguida, percorriam ruas até a casa aonde iam se apresentar.

*Mas nunca digas, ó Zíngara,
Que ilusão me espera,
Qual o meu futuro,
Qual aquela por quem vou vivendo assim à toa,
Tu dirás se a sorte será má ou boa,
Para que ela venha consolar-me um dia,
A dor cigana do meu amor.*
(parte da música de apresentação da cigana dentro da casa)

-Reis de Boi

Os reis de boi é a manifestação cultural que tenho mais afinidade aqui de Carinhanha, ela é considerada como uma brincadeira que compreende duas raízes da mesma tradição: “o boi de Homero e o boi de Oliva”. É um movimento popular que agita e arrasta multidões e atrai atenção dos turistas e curiosos por conta da sua música com batidas marcantes. A dança é representada numa doma do próprio boi pelo seu vaqueiro e a beleza dos detalhes do boi, a armação do corpo do boi, a cara do boi e os chifres, que são de verdade, por isso na hora que ele corre atrás é perigoso, a pessoa pode ser furada. O boi de oliva é o famoso boi bravo, e tem poder de arrebanhar multidões pelas ruas da cidade, principalmente os jovens que gostam de provocar o boi, que por sua vez persegue seus desafidores. Não há meio termo, quem não sai da frente é atropelado. O boi de Homero é manso, sua característica é de boi dançante, as crianças menores amam seguir por conta da sua mansidão, assim como o boi de Oliva tem sua beleza e sua estrutura é similar. Essa distinção sugere a possibilidade de entretenimento com as pessoas e os grupos sociais, envolvendo-os no seu ritual, principalmente os jovens que estão sempre dispostos a esbanjar as energias.

-Mulinha de Ouro

A Mulinha de Ouro em Carinhanha está relacionada a motivações diversas, principalmente religiosas. Esta dança surgiu principalmente como forma de agradecimento no pagamento de promessas alcançadas com os Santos Reis. Do mesmo modo, vai à casa de quem quer o folguedo somente pelo prazer da dança. Sua dona diz que gosta mesmo é da diversão, de ver as pessoas felizes cantando a música da mulinha; embora em sua residência ela reze a ladainha para Santos Reis antes de começar a brincadeira. De acordo com Almeida Mackellene L L (2012, p. 287).

Na zona do São Francisco, faz-se, durante as festas de Reis, o rancho da mulinha, sendo animal conduzido por um vaqueiro. O rancho sai para tirar Reis nas casas, a cujas portas cantam, dançando uma chula, variante da tradicional. Depois de entrarem, os do rancho abrem roda, para que ao centro dancem animada, em que o bicho deve revelar grandes qualidades, sempre acompanhados pelo canto tirado por um dos presentes, repetindo o coro o refrão de um só verso, ao fim de cada verso, com metro variado.

-Festa do Divino Espírito Santo

A Festa do Divino em Carinhanha é um espaço de manifestação da diversidade das culturas presentes no município. Nas atividades de caráter religioso, o tríduo, as missas, os batizados e as procissões mesclam ritos do catolicismo romanizado e práticas do catolicismo popular. Outras expressões ocupam espaço: o asteamento da bandeira é feito por conta da saudação à Pátria, a entronização é reflexo da colonização portuguesa, os rituais de coroamento de reis e rainhas foram empregados na nossa cultura, segundo conta-se, imitando uma dessas entronizações em que um imperador ia ser coroado, e como tinha pobres ao redor à rainha pediu para um dos pobres sentar-se na cadeira e receber a coroa. E assim foi percorrendo esse costume que aqui em nosso município é feito no dia da Festa do Divino. A presença dos caboclos foi inserida a partir do pedido do Mestre Vital Rodrigues, o fundador deste grupo, ele pensou que seria muito importante e significativa a participação do grupo nessa festa tão marcante da comunidade, já que os índios fazem parte da nossa formação na identidade cultural.

-Dança dos Caboclos

Segundo Mackellene et al (2012), Vital Ferreira de Araújo Neto, o Netinho, coordenador do grupo dos caboclos em Carinhanha/BA conta como se iniciou a dança. Seu avô, Vital Rodrigues Cerqueira, foi um dia a uma pescaria no Rio Carinhanha, acompanhado de amigos e ao passarem na região do pontal, antigamente umas matas fechadas, ouviram um canto e ficaram cheios de curiosidade. Saíram procurando de onde vinha à música e o rumor de dança. Era um grupo de índios. E narrou:

Quando eles estavam olhando os índios dançando aquelas dança lá, com pena, capacetezinho assim na cabeça de pena, aqui na cintura umas penas amarradas e com a cabacinha fazendo aquele barulhozinho e roda em círculo, L? Os índios usavam a cabacinha, com aquela coisinha lá, parecendo uma semente dentro assim. Aí eles de longe! Eles tinham medo de estar perto e algum deles ver e pegar eles lá. Naquela época era perigoso. Então ele achou assim: já que existia o Festejo do Divino em Carinhanha, ele falou assim: “vou formar um grupo de índios”. (p. 375).

O singelo relato, que pode parecer fantasioso, reúne elementos reais da história social de Carinhanha; a mais antiga referência aos grupos humanos que habitavam a região e que foram exterminados física e culturalmente pelos conquistadores brancos, tendo, a partir de então, de sobreviver no refúgio da mata; e havia aquela que durante muito tempo foi a mais esplendorosa festa religiosa, a Festa do Divino, espaço que abrigava os mais diferentes significados sob o signo da ideologia dos colonizadores e o controle social das famílias importantes. E foi recolocado, os que estavam ocultos, no centro da cidade, à frente da Matriz, no meio da Festa organizada pelos detentores de poder econômico, político e cultural.

O grupo dos Caboclos faz apresentações ritualísticas na Festa do Divino, apresenta-se em julho, no Encontro das Águas e dos Amigos. A viola foi introduzida para facilitar um eco certo com a batida da flecha. No grupo, uma pessoa toca a viola. O restante dos caboclos bate o arco nas flechas para marcar a pulsação nos cantos.

A manifestação, ainda de acordo com Mackellene et al (2012), procura manter a tradição que, há mais de 70 anos vem passando de geração a geração. Depois que o Senhor Vital Cerqueira, coordenador do grupo, faleceu, há 38 anos, quem ficou responsável foi seu filho Antônio Vital. Falecendo este, seu irmão André de Vital ficou sendo o chefe. Hoje, o chefe é o Senhor Vital

Ferreira de Araújo Neto. De olho no futuro, ele se esforça para que os mais novos da família, seus sobrinhos, assumam essa tradição, para garantir levá-la à frente, mesmo que vá ficando diferente do que era ou do que é.

Nas roupas usadas pelos caboclos, por eles chamadas de fradas, predominam as cores vermelha e branca, cores do Império do Divino. O branco significa a Paz e o vermelho o Sangue de Jesus. A pomba representa o Altíssimo, que pousou sobre Jesus, o Espírito Santo com as labaredas de fogo. O coro de Curuquinho usa uma saia vermelhas enfeitada com bicos de renda branca. Trazem no centro do peito nu um adorno formado por um coração vermelho e branco. Na cabeça um capacete de penas com enfeites em branco e vermelho. Nas mãos, o arco e a flecha. O caciquinho e o anãozinho, chamados Irmãos mambaos, usam os mesmos adereços. A diferença é que a saia deles é de pena de ema. O Demeregé, é líder do grupo, usa calça e camisa de manga comprida. A parte final das roupas, junto dos pulsos e dos pés, é enfeitada com penas miúdas. O vovô usa calça e camisa vermelha de manga comprida, capacete de penas e a flecha. A vovó, representada por um homem, usa saia comprida rodada, camisa de manga longa vermelha, o capacete de penas e uma peruca branca deita de saco de náilon desfiado.

O capitão Pó traja uma roupa estilo policial, calça branca, um camisão de manga comprida de cor caqui com um cinto preto na cintura, quepe e uma espada. E a cabocla é peça chave dos caboclos. Ela leva os curuquinhos a fazer o zigue – zague. Traja uma saia rodada vermelha, uma peruca preta, capacete de penas, camisa de manga longa vermelha, o adorno de coração e uma luva branca.

-Rituais dos Caboclos na Festa do Divino

Segundo Mackellene et al (2012, p. 383), a participação dos caboclos na festa do Divino começa no sábado. Neste dia, o grupo se dirige à delegacia de polícia e faz o ritual do pedido de licença para brincar durante os festejos. Nos dias seguintes, domingo, segunda e terça, às 5 da manhã, tomam café na casa da mãe de Netinho, uma das maiores incentivadoras dos caboclos. Segue para a cidade e, juntamente com a Filarmônica, acompanham o cortejo do Imperador, do Rei e Rainha do dia até a Matriz.

Enquanto acontece a celebração da Missa, os caboclos vão ao rio, tomam banho e voltam à praça. Terminada a Missa, os caboclos se apresentam, e participam do cortejo que leva o imperador ou rei e a rainha do dia para sua residência. E Netinho considera que uma das melhores partes é o “choro da cabocla” e quem sabe é seu irmão Zé. Ele próprio é muito tímido e não faz. Antes de recitar alguns cantos dos caboclos, ele adverte que foi uma invenção do Senhor Vital Rodrigues, pois ele teve que diferenciar dos cantos dos índios, cantados na linguagem deles: Nega mina quando morre

Vai na tumba de banguê

Curuquinho ê vai dizendo

Que urubu tem que comê!

Bruuuuuu!

(parte de um dos cantos dos caboclos)

(Mackellene (2012, p. 384).

Esta música é a mais conhecida, na última estrofe dão uma forte puxada nos cipós do balaio e o caciquinho sobe no ar. A vovó que está segurando a mão do índio não deixa que caia e coloca com graça novamente no balaio sob os aplausos da assistência. O grupo canta:

Quando eu vim da minha terra minha

Quando eu vim da minha terra minha

Minha mão ficou chorano

Eu também chorei com ela

Eu também chorei com ela

E sem remédio eu vim andano

E sem remédio eu vim andano

Quando eu vim da minha terra

Todo mundo rogou

Etindererin, etindererin, etindererim, era,

Etindererin, etindererin, etindererim, era.

(Mackellene, 2012, p. 385)

Para a preparação do balaio um dos integrantes tem a responsabilidade de ir ao mato colher cipó um dia antes da primeira apresentação. No tempo em que Antônio de Vital, pai de Netinho era líder, os cipós eram colhidos após as 16 horas e levados para a casa dele. Ali, eram cuidadosamente guardados na sombra de uma mangueira para não secarem.

3– Cultura popular brasileira e perspectivas educacionais:

A pluralidade cultural que existe no Brasil é fruto de um longo processo histórico de interação entre aspectos étnicos e culturais de diferentes grupos sociais. Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) propõem discutir essa questão na perspectiva do conhecimento, respeito e valorização às características e diferenças existentes nesses grupos, que sofrem influências recíprocas num processo frequente de redefinição da identidade nacional, o que oferece ao aluno inúmeras possibilidades de conhecer o Brasil em sua complexidade cultural, numa perspectiva interdisciplinar de tratar os diversos conteúdos curriculares.

Ao valorizar a diversidade cultural brasileira no processo pedagógico, o professor estará dando oportunidade ao aluno de refletir sobre seus próprios valores, o senso de cooperação e justiça, as situações de preconceito e discriminação, que interferem nas interações sociais. Nesse sentido, é fundamental pensar nos alunos como sujeitos históricos, portanto, produtores e consumidores de culturas, que se manifestam em vários espaços públicos e que nem sempre são visíveis e aceitos pela escola. Segundo Martins (2008), muitas vezes, parece que o aluno, ao entrar na escola, precisa deixar seus conhecimentos na porta, para receber outros, que estão geralmente fora de seu contexto e interesse. Assim, a cultura urbana dos grupos juvenis (roqueiros, góticos, funkeiros e outros) acaba passando despercebida pelo professor. E quando esses grupos são percebidos, quase sempre passam pelo controle disciplinar por não corresponderem ao padrão ideal estabelecido pela escola. Não podemos deixar que o potencial cultural trazido pelos alunos sejam silenciado, mas integra-lo aos conteúdos cotidianos, dentro de um processo dinâmico de trocas e construções de saberes.

Algumas escolas, seja através de projetos pedagógicos mais progressistas, por meio de ações isoladas de alguns educadores, que procuram romper com o senso comum, acabam travando verdadeiras batalhas no sentido de utilizar elementos da cultura urbana no processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, é preciso observar que o que é moderno e urbano pode ser integrado ao

tradicional e rural, e vice-versa, na dinâmica relação que ocorre entre as culturas, especialmente diante dos avanços tecnológicos atuais.

E voltando aos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p.27), observa-se que, ao tratar de aspectos relativos à pluralidade cultural na escola, em especial no Ensino Fundamental, eles apresentam entre seus objetivos pedagógicos:

(...) conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país; conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais (...).

Nesse sentido, a construção da identidade nacional pode ocorrer em conjunto com a construção da identidade local. À medida que se conhece e valoriza a memória cultural brasileira, respeitando as diferenças socioculturais de outras nações, há também o reconhecimento das manifestações da cultura popular local e, por consequência, o sentimento de pertencimento pessoal e comunitário e o posicionamento contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais.

Diante do exposto, é interessante analisar o que diz Silva (2008, p. 17):

A importância da cultura popular para Brandão advém, principalmente, da descoberta de que ela nos oferece formas de aprendizagem e ensinamentos menos utilitários e instrumentais do que os disponibilizados em geral por nossas escolas. A cultura popular, portanto, concebida como um sistema outro de conhecimentos, sentidos e significados, seria capaz de resgatar para a escola no processo educacional, toda a riqueza da experiência de diferentes formas de compreender e interpretar o real, a vida e a condição humana.

Integrar a cultura popular ao sistema educacional ou processo do ensino formal, é mais uma estratégia pedagógica que traz a possibilidade de rever valores, tais como: respeito, solidariedade, liberdade, igualdade, pluralidade e identidade. É na escola que os conhecimentos sistematizados, tendo sua própria forma de trabalho, seus hábitos e valores, integrados à comunidade, que se vai

desmarginalizando e incluindo as expressões artísticas e culturais numa troca permanente de saberes e questionamentos.

A cultura popular, com suas manifestações culturais, como festas, danças, folguedos, danças, contribui muito na formação das crianças, pois envolve a relação família e comunidade local, que cultiva as tradições trazidas pelas culturas que se misturaram através dos tempos. No Brasil, essa mistura se deu desde a invasão dos portugueses a nossas terras, que eram habitadas por índios nativos e, mais tarde, com a vinda dos negros africanos. Nessas fusões e choques culturais a nossa identidade foi sendo construída e nos identificando como nação. Dessa forma, mais uma vez, a reflexão de Silva (2008, p.193) se mostra apropriada:

Não existe motivo pelo qual nossas escolas não possam ser ou se constituir – através da integração das múltiplas formas de expressão das culturas populares vivas na sociedade brasileira às formais que costumam povoar nossos currículos – em um espaço de expressão do corpo que fala, propondo dramatizações, dando espaço para jogos e brincadeiras, festas e comemorações oriundas do nosso folclore, do manancial inesgotável de nossos mitos, lendas e contos populares. Dar espaço na escola para o corpo que fala é, inevitavelmente, dar lugar para a fala do corpo na escola. No brasileiro é fala miscigenada pelos muitos jeitos e trejeitos característicos da terra, atravessada de muitas histórias, mistura de tantas tradições, maneiras de ser, ver e viver, de lugares tão distantes do país onde se encontram diferentes códigos e valores, L P do encontro de diversidades étnicas, raciais e sociais que, se puderem afirmar suas diferenças num contexto outro de liberdade e igualdade, poderão construir, sem dúvida, uma identidade menos excludente, um sentimento de pertencimento mais representativo dos muitos que somos, um sentido de nação mais alegre e compartilhada.

É preciso, portanto, um novo olhar da escola para as inúmeras manifestações das culturas populares que estão vivas nas comunidades, para que possa se transformar em um espaço dinâmico, plural e alegre que permita o movimento das expressões artísticas, corporais e literárias, transitando pela riqueza de nossa cultura popular, ampliando possibilidades de interações mais iguais, solidárias, éticas e democráticas.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA

É fundamental especificar a metodologia da pesquisa para a identificação da trajetória do pesquisador ao longo de sua investigação, conforme apontam Ludke e André (1986), ao explicitarem que em toda e qualquer pesquisa é necessário, por parte do pesquisador, promover um confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas em campo e o conhecimento teórico acumulado. Isto tudo, deve estar relacionado ao tema, aos objetivos geral e específico, integrando todo o processo investigativo, numa relação indissociável entre a teoria estudada e a prática vivenciada em todo o percurso que envolve a pesquisa. O tema a ser estudado durante este percurso carece de uma delimitação e especificidade para maior clareza e aprofundamento da pesquisa como um todo.

Nessa perspectiva, delimitei para o presente estudo as manifestações da cultura popular no município de Carinhanha/BA – festas, folguedos e danças no contexto do ensino fundamental. Ainda na esteira de Ludke e André (1986, p.27), “a pesquisa não se realiza numa dimensão ampliada, acima do ambiente pesquisado, mas sim dentro do próprio universo pesquisado”. Assim, optei pela análise das possibilidades pedagógicas de algumas das manifestações culturais populares do Município de Carinhanha-Ba, no contexto do ensino fundamental de uma escola da rede publica municipal.

2.1 A pesquisa

Gil (1991) ensina que a pesquisa é um procedimento racional e científico, que deve ser sistemático e com o objetivo de proporcionar respostas ao problema proposto em torno da temática, considerando o nível de conhecimento, a utilização cuidadosa dos métodos e técnicas, a experiência e criatividade do pesquisador.

É necessário, de acordo com Gonsalves (2001), classificar a pesquisa conforme os objetivos, os procedimentos de coleta de dados, fontes de informação e natureza dos dados. Dessa forma, considerando os propósitos do presente estudo, fiz opção pela abordagem qualitativa da

pesquisa, de caráter exploratório descritivo. E esta se desenvolveu direcionada pelo objetivo geral, que ficou assim delineado: analisar como as manifestações da cultura popular local são tratadas na prática pedagógica das professoras que atuam do 1º ao 4º - uma turma de cada ano – do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública de ensino. E buscando maior especificidade, pelos seguintes objetivos específicos: a) analisar a concepção de cultura popular dos professores que atuam do 1º ao 4º ano do Ensino Fundamental da escola pesquisada; b) investigar o sentido e o significado de memória e identidade cultural para os professores que atuam nas turmas de 1º ao 4º ano do Ensino Fundamental da escola pesquisada; c) verificar como as manifestações culturais populares locais – festas, folguedos e danças- são contempladas na proposta e na prática pedagógica da escola.

Quanto à pesquisa exploratória, a autora já citada, acima, afirma:

A pesquisa exploratória é aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com o objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado. Este tipo de pesquisa também é denominado “pesquisa de base”, pois oferece dados elementares que dão suporte para a realização de estudos mais aprofundados sobre o tema. (GONSALVES, 2001, p.65).

No presente estudo recorri, fundamentalmente, à descrição do fenômeno observado, para melhor conhecer a natureza do mesmo e os processos que o constituem ou nele se realizam, no contexto da temática da cultura popular brasileira e algumas de suas manifestações que ocorrem no município de Carinhanha, no âmbito do Ensino Fundamental I. Nesse sentido, ainda segundo Gonsalves (2001, p.65), “a pesquisa descritiva objetiva escrever as características de um objeto de estudo”. O que Severino (2001, p.45), complementa ao ressaltar que:

A pesquisa descritiva pode assumir diversos estudos exploratórios onde não se elaboram hipóteses a serem testadas no trabalho, este tipo de investigação restringe-se a buscar maiores informações sobre o assunto delimitado no processo investigativo buscando a familiarização com o fenômeno, ou obter uma percepção do mesmo e descobrir novas ideias, realizando descrições precisas da situação e descobrindo relações existentes entre os elementos componentes das mesmas.

Quanto à natureza dos dados, na abordagem qualitativa da pesquisa a discussão, análise e interpretação do fenômeno e a atribuição de significados são a base do processo investigativo no

contexto do tema delimitado, pois a pesquisa qualitativa “preocupa-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas” (GONSALVES, 2001, p. 69).

E Ludke e André (1986 p. 11), assim referem-se à abordagem qualitativa da pesquisa:

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. A) Os dados coletados são predominantemente descritivos. B) a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto. C) O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. D) A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

Assim, reafirmo que, diante do objeto de estudo da presente investigação no contexto do tema delimitado, que trata da cultura popular brasileira, analisando algumas das manifestações que ocorrem no município de Carinhanha, com enfoque para festas populares, danças, folguedos, cortejos e autos no contexto do Ensino Fundamental I, a abordagem qualitativa foi a mais adequada, uma vez que o processo de ensino e aprendizagem relacionado à temática foi o foco do trabalho de investigação.

2.2- O local da pesquisa

O espaço utilizado para realização da pesquisa foi uma escola Municipal com Ensino Fundamental I, do município de Carinhanha/BA, localizada no bairro São Francisco, Travessa Porto Alegre s/n. A Escola foi inaugurada em dezembro de 2004, pelo ex-prefeito Geraldo Pereira Costa (Piau), que em primeira instância tinha nomeado a mesma com o nome de sua irmã, mas a proposta, entretanto, foi recusada, e outro nome foi sugerido e levado em forma de projeto para a Câmara de Vereadores. E foi dado à escola o nome de outra pessoa, como uma forma de homenagem por ter contribuído para a melhoria na educação de Carinhanha. As salas de aula são boas, tanto na estrutura quanto na promoção do saber, pois tem o cantinho da leitura, tem o alfabeto e várias outras coisas que ajudam na educação do aluno. A escola é de médio porte, contendo 6047 alunos matriculados entre o ensino de 1º ao 9º ano e o ensino da EJA – Educação de Jovens e Adultos. Tem 24 professores e 2 coordenadoras pedagógicas, sendo uma do Ensino Fundamental I e a outra do Ensino Fundamental II. Possui uma área de 3.240m², e de área construída 1.764m². As

dependências da escola são: 10 salas de aula , 01 auditório, 01 laboratório de informática, 01 cozinha, 01 almoxarifado, 01 sala de professores, 02 banheiros para professores e funcionários, feminino e masculino, 01 diretoria, 01 secretaria, 01 pátio e 01 espaço para horta escolar.

É uma escola que recebe em seu espaço um maior percentual de alunos que pertence a famílias com diversas formações: filhos de pais separados, muitos criados somente pela mãe, outras por pai e, na grande maioria, por avós e tios, muita das vezes tem o contato com drogas ou com os usuários. A maioria das famílias não tem trabalho fixo e o único meio de renda são os chamados (bicos), o que aparece fazem. Alguns alunos junto com suas famílias são contemplados com os programas “Bolsa Família” e o “PETI” (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil). Há também no bairro o CRAS (Centro de Referência da Assistência Social), onde se desenvolve um trabalho bastante direcionado às famílias em situação de risco, promovendo: palestras temáticas, cursos de artesanato, orientação, atendimento profissional com psicólogos.

2.3- A coleta de dados

Para a coleta de dados a técnica utilizada foi a Entrevista Semiestruturada, com as professoras das turmas e a coordenadora pedagógica da escola, para conhecer, identificar e analisar os caminhos pedagógicos utilizados para trabalhar as manifestações populares local, na perspectiva de se valorizar a memória e identidade cultural do povo.

As entrevistas foram organizadas em blocos, de acordo com os objetivos da pesquisa. Cada bloco de perguntas foi baseado em um objetivo específico, para subsidiar as análises de forma mais precisa.

Quanto a essa técnica de pesquisa, Oliveira (2010, p. 25 - 26) ressalta que ela nos permite respostas subjetivas e afirma: “As entrevistas não são simples reflexos das crenças ou conhecimentos interiores, mas construções que dependem da identificação de categorias e processo de explicação”.

Nesse sentido, os dados coletados por meio de entrevistas semiestruturadas foram organizados e sistematizados para análise e interpretação, observando os objetivos propostos. Nesse sentido vale refletir acerca do que afirma Almeida:

Como toda pesquisa, os dados qualitativos exigem escolhas e interpretações. O sucesso da análise depende de como os códigos e temas são identificados e desenvolvidos. Na transcrição deve-se ficar atento a aspectos essenciais como sobreposições, ênfases, tom de voz, corte de palavras e pausas. (ALMEIDA, 2010, p.26).

2.4-Os participantes da pesquisa

Os participantes da pesquisa foram 4 professoras de cada turma do 1º ao 4º do Ensino Fundamental e a coordenadora pedagógica da escola. Com base nos dados retirados das entrevistas, as entrevistadas, aqui citadas como professoras A, B, C, D, E, foram caracterizadas. A professora (A) tem 37 anos, é licenciada em Pedagogia, atua há 16 anos na docência, atualmente no 2º ano e é natural do município de Carinhanha/BA. A professora (B) tem 47 anos, é licenciada em Pedagogia, atua há 20 anos na docência e agora no 4º ano e é natural do município de Malhada/BA. A professora (C) tem 37 anos, é licenciada em Pedagogia, atua há 16 anos na docência, atualmente no 3º ano e é natural do município de Carinhanha/BA. A coordenadora pedagógica (D) tem 35 anos, é licenciada em Pedagogia, atua há 13 anos na docência e está há 01 ano na coordenação pedagógica. A professora (E) tem 36 anos, é licenciada em Pedagogia, atua há 15 anos na docência e é natural de Carinhanha/BA.

Nota-se que as professoras são pessoas maduras e experientes, já atuam na docência há mais de 10 anos e se mostraram capazes e habilidosas e competentes. A professora C me chamou atenção pela forma como ela tratou este assunto friamente, estranhei este comportando pelo fato das respostas dela serem sucintas e secas, pareceu que ela não queria ser entrevistada. Dentro desta possibilidade de indiferença percebi pelo seu relato a falta de domínio com o assunto, ou seja, o contexto cultural.

CAPÍTULO III – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS ENCONTRADOS

As análises dos dados, retirados das falas das professoras e coordenadora pedagógica, nas entrevistas semiestruturadas, organizadas em blocos de perguntas, de acordo com os objetivos da pesquisa, são apresentadas, a seguir, organizadas em três categorias, correspondentes aos blocos das entrevistas. A primeira categoria refere-se à concepção de cultura popular apresentada pelas professoras. A segunda diz respeito à percepção que as professores tem do sentido e significado de memória e identidade cultural. E a terceira mostra como as manifestações culturais populares locais são contempladas na proposta e prática pedagógica das professoras.

Primeira Categoria: concepção de cultura popular apresentada pelas professoras.

A categoria analisa a concepção de cultura popular apresentada pelas professoras que atuam em turmas do 1º ao 4º ano do Ensino Fundamental e a coordenadora pedagógica da escola pesquisada, por meio das respostas das perguntas elaboradas com este propósito.

À pergunta sobre a concepção de cultura popular, as respostas se mostraram semelhantes e complementares. Para as professoras cultura popular refere-se a tudo que está ligado à vida do ser humano, é o conhecimento cultivado pelo povo, envolvendo memórias, costumes, crenças, tradições, manifestações, como danças, músicas, festas, cortejos, entre outros, que o povo produz e participa e repassam de geração a geração, formando a identidade de um povo.

Quanto à pergunta sobre conhecimento das manifestações da cultura popular local, citaram especialmente a festa do divino, o bumba meu boi, o são Gonçalo, as festas juninas, o reisado e o samba de roda. Uma das falas foi bem ampla, ao responder se conhecia e podia citar as manifestações culturais locais. A saber:

Professora A: *“Sim. As festas como: Festas do Divino Espírito Santo, Festa de São José, folia de reis e reis de boi, danças como a quadrilha, músicas, manifestações folclóricas como: as*

lendas do lobisomem, do compadre d'água, as comidas típicas da nossa região, as festas juninas, o carnaval, onde o costume é de fazer blocos onde as pessoas se divertem nas suas sedes, ou seja, uma casa ou garagem ou um canto onde eles se encontram para beber, comer, se divertirem. As celebrações de natal entre outras”.

Sobre as perguntas relativas ao significado das manifestações locais para cada professora e para o município e qual a mais significativa, bem como se o povo se sente identificado culturalmente nelas, as falas mostram que as manifestações têm um significado especial por fazerem parte da infância das entrevistadas, sendo parte da própria história delas. E citaram como mais significativas as festas juninas, os reis e reisado, ternos de reis. E o que significam para o município, afirmaram: *“significa uma rede de relações entre fazeres e saberes que se interagem criando um padrão que define a identidade de uma comunidade.”* *“Elas fazem parte de histórias do povo do nosso município, onde os mesmos se sentem valorizados”.* *“O significado delas para o município diz respeito ao conhecimento das suas próprias raízes, pois estas deixam marcas e sensações das vivências cotidianas das pessoas enquanto seres construtores das suas próprias histórias.”* *“Significa que o município possui uma linda história e que precisa está sendo resgatada. Sim, porque é integrante desta história”.*

Vimos que a compreensão das professoras sobre cultura popular está próxima às reflexões teóricas apresentadas neste trabalho, que ressaltando a questão da ambiguidade entre os termos folclore e cultura popular, debatidos por alguns estudiosos, indica que os dois termos englobam produções artísticas e culturais do povo, sejam em comunidades rurais ou urbanas. E para melhor situar essa proximidade, vale retomar a afirmação de Freire (1993, p. 31):

Quando falamos de cultura popular estamos nos referindo não apenas às manifestações festivas e às tradições orais e religiosas do povo brasileiro, mas ao conjunto de suas criações, às maneiras como se organiza e se expressa, aos significados e valores que atribui ao que faz (...).

Nas falas das professoras aparece o aspecto relativo ao significado da cultura popular local, no fazer cotidiano do povo, visto como construtor de sua história, repassando as tradições de geração a geração, buscando suas formas específicas de organização, criação, interação, significação e valorização de saberes que interagem e formam a identidade desse povo.

Segunda Categoria: Sentido e significado de memória e identidade cultural para os professores.

A segunda categoria tem por objetivo investigar qual o sentido e o significado de memória e identidade cultural que as respectivas professoras juntamente com a coordenadora pedagógica idealizam. Percebo que as respostas se complementam cada qual tem uma linha de raciocínio seguido conforme sua vivência e como foi aprendido. Para as professoras de modo geral sua visão de memória e identidade cultural é tudo aquilo que praticamos e que ficam nas nossas mentes, nas lembranças e que essa lembrança deve ser passada adiante para que não se perca.

Individualizando as respostas levando para o lado subjetivo cada qual teve uma noção de memória e identidade cultural de forma empírica, baseada em relatos do cotidiano, do dia vivido. Lembranças eternizadas por fotos, nas tradições, na vivência do cotidiano, espiritualizadas em cada ser, como se fosse uma conexão entre o surgimento até os dias atuais.

Nos relatos percebe-se a preocupação e a importância que as professoras dão a esta temática, pois ajuda na compreensão do entendimento da realidade do passado e do presente e respectivamente a realidade futura. Tudo isso pode contribuir para conhecer o aprender e valorizar a memória e identidade cultural.

Uma das falas caracteriza a importância do sentido e o significado da memória e a identidade cultural, quando diz respeito à característica de ensinar e aprender desta temática. A saber:

Professora A: “Neste sentido o que caracteriza esse processo é quando o aluno aprende algo que para ele tem um significado importante em sua vida. Percebe-se que quando trabalha algo vivenciado no seu cotidiano este tem uma melhor atenção com esses temas em estudos, voltados principalmente na área cultura.”.

Dessa forma, vimos que a memória é uma característica marcante do humano, onde consiste em perceber-se a si mesmo e ao outro. “*Por isso, ninguém pode ser privado de memória sem ser despossuído de identidade*”. (Horta; Priore, 2005, p. 4). Por este olhar é sabido que sem memória o próprio eu, ou o ser humano não se reconheceria, não teria uma identidade, uma história.

Percebe-se então que há uma concordância na ideia da professora A com a afirmação de um dos autores que subsidiou o presente trabalho:

Mesmo dependendo da percepção, a memória humana é sempre seletiva. Pois a percepção humana não é apenas uma simples gravação. Ela resulta da junção entre a capacidade de perceber e o indivíduo que percebe. Mas ela é, também, inseparável de um filtro afetivo. Tal filtro é, por um lado, modelado pelo social— e pelo mundo em que está inserida a memória. Mundo que ela apreende e que possui certa estrutura. Pois ela não pode ser separada do pensamento, das crenças, das atitudes interiorizadas pelo indivíduo ao longo de sua socialização. Isto tudo, afinal, é parte de sua própria identidade. (Horta e Priore, 2005, p. 04).

Sendo assim a escola entra com um papel fundamental que é a difusão de conhecimento. As entrevistadas citaram alguns subsídios que oportunizam essa aprendizagem, é importante resaltar que a escola de alguma forma tem feito essa dinâmica de trabalho conforme a realidade do aluno e até mesmo da própria escola. Segundo relato das professoras a escola trabalha com projetos temáticos e que são culminados no grêmio estudantil, desta forma e neste contexto o grêmio estudantil e projetos temáticos são importantes e relevantes na construção da identidade e formação educacional do aluno. Com isso, elas observam que a participação do aluno torna-se cada vez crescente, porque ele se identifica com o assunto a partir daí os próprios apresentam suas memórias e aprende mais sobre sua identidade.

Para isso a escola tem outro papel, que é a preservação e a valorização da memória e identidade do povo. Como já citado, acima, a escola trabalha com projetos temáticos que integram a parte cultural, juntamente ao educacional, mas de forma fragmenta. Esta junção poderia ser fantástica se fosse integrada aos conteúdos cotidianamente, fazendo correlações das manifestações culturais locais com a brasileira e de outras culturas, levando o aluno a fazer descobertas inéditas sobre a sua identidade com a cultura brasileira e da local, discutindo valores, respeito a diferenças sociais e culturais, entre outros. Uma das professoras fez uma observação interessante, onde ela cita que não somente aqui na zona urbana, mas como também na zona rural essas culturas estão

desaparecendo, isso porque não são trabalhadas ou não estão inseridas no projeto político pedagógico das escolas ou porque a comunidade não se interessa mesmo pelo assunto.

É na escola que os conhecimentos sistematizados, tendo sua própria forma de trabalho, seus hábitos e valores, integrados à comunidade, que se vai desmarginalizando e incluindo as expressões artísticas e culturais numa troca permanente de saberes e questionamentos. Assim, estimular os educandos por meio de experiências pedagógicas é uma das pontes que a escola tem de fazer o aluno se interessar por suas próprias raízes e automaticamente levá-lo à valorização e preservação da memória e identidade cultural da própria comunidade.

Terceira categoria: As manifestações culturais populares locais na proposta pedagógica e prática pedagógica da escola.

A terceira categoria tem por objetivo verificar como as manifestações culturais populares locais; como: festas, folguedos e danças – são contempladas na proposta e na prática pedagógica da escola.

Conforme as respostas às perguntas da entrevista referentes ao presente aspecto, as professoras afirmaram que a escola possui uma proposta pedagógica e que essa proposta está inserida no Projeto Político Pedagógico (PPP), que contempla a parte que fala da importância do trabalho com áreas da cultura e que, ao analisarem o PPP elas, juntamente com a coordenadora pedagógica, planejam projetos didáticos, que são desenvolvidos em cada turma de acordo com nível do aluno.

Ao analisar o PPP da escola, percebi que as concepções pedagógicas enfatizam que a escola tem função social e que a educação lá mencionada é de forma ampliada enquanto prática social, que se dá nas relações sociais que os homens estabelecem entre si, nas diversas instituições e movimentos sociais, sendo, portanto, constituinte e constitutiva dessas relações. Comparando com as falas das professoras percebi que o todo deixou a desejar. A minha crítica neste contexto tão delicado é a seguinte: mesmo que as regentes se esforçam e fazem o possível para ajudar, transformar e dar continuidade na educação de qualidade, tanto ela sendo formal quanto informal, percebi que falta muita qualificação e interesse maior por parte delas, pois um conhecimento puxa outro conhecimento. Ao analisar as falas, a visão delas de mundo e de realidade local, percebi que todas elas têm percepção de tudo o que está se passando ao redor, mas que faz uso da metade de

suas competências como professoras para mudar de forma positiva esta realidade, pelo menos no contexto cultural da escola. Penso que não adianta estudar os mesmos temas, como algumas citaram, como exemplo, o carnaval e outros movimentos, sem mudar a forma de abordagem, integrando-os aos conteúdos cotidianos, observando a perspectiva interdisciplinar. E, diante da variedade das manifestações culturais local, como danças, histórias, anedotas, lendas, folguedos observei a deficiência na busca do conhecimento da nossa cultura.

Essas atividades, segundo as entrevistadas, são contempladas no coletivo, levando em consideração as manifestações culturais da cidade. Os temas são pensados e escolhidos a partir da vivência de cada aluno, ou seja, pelas respostas das professoras, que estão idênticas, os temas dos projetos são idealizados a partir da escolha do aluno que é a identificação com cada manifestação como, por exemplo: têm alunos que se identificam com o carnaval, então trabalham o carnaval. Outros já se identificam com os Reis de boi, então trabalham toda a história dos reis de boi.

Além disso, disseram que são trabalhados os temas do folclore, eles são elaborados de acordo com as datas comemorativas inseridas nos projetos bimestrais. Neste contexto, as atividades são auxiliadas pelas professoras em sala de aula, na linguagem regional, onde os mesmos já conhecem as manifestações do município, com isso torna-se mais fácil a interação na relação professor/aluno.

A participação do aluno é sem dúvidas a forma mais clara e satisfatória do funcionamento do ensino/aprendizado. Quando se trabalha com a realidade os alunos participam mais, cobram mais e se tornam mais criativos, pois isto é o reflexo da identificação com a sua cultura. Estas participações, segundo as professoras, são feitas por vias orais, escritas, produções, apresentações culturais na escola, principalmente no grêmio estudantil, no fechamento das unidades temáticas. Se possível cada serie faz uma ou mais apresentação. Os alunos de 1º ao 4º ano fazem as apresentações conforme as professoras organizam, principalmente do 1º e 2º ano, pois são menores, então, se exige menos deles, às vezes eles dançam uma pequena música, quando eles querem se não quiserem também não são obrigados a participarem. É fascinante saber que o aluno se interessa por um tema da cultura popular e se esforça para estudá-lo. Este esforço é visto, segundo as professoras, através de relatos dos próprios alunos que adquiriram conhecimento quando foram atrás de fontes, tais fontes reveladas através da própria família.

As informações apresentadas pelas professoras foram importantes, principalmente na minha formação como futura pedagoga. Pude perceber que mesmo na dificuldade das transformações e inserções de outras culturas percebe-se a preocupação dos professores com a realidade, qualidade, benefícios e práticas direcionadas as nossas culturas. Com isso, chamou minha atenção as seguintes falas das professoras. A saber:

Professora B: As manifestações populares são partes integrantes da memória de um povo e podem trazer para o povo de Carinhanha muitas possibilidades de ensino e aprendizagem, como por exemplo, a de conhecer e preservar a sua identidade.

Professora E: Quando se trabalha manifestações educacionais e culturais nas escolas, são valorizados e resgatados os costumes vividos de uma região, ou seja, em nossa região.

Professora A: Os benefícios educacionais e culturais que as atividades podem trazer ao povo carinhanhense é manter sempre viva a cultura local pelo menos por meio de lembranças, memórias, já que muitas estão extintas.

Diante destes três relatos posso confirmar que vale a pena investir na busca de trabalhar a questão cultural de forma significativa na educação, focando as manifestações populares locais, com as dimensões de memória e identidade cultural, pois o saber focado na realidade enriquece e tem poder para transformá-la, sendo assim as falas das professoras B, E e A entram em concordância com a afirmação do autor presente neste trabalho, Silva (2008, p. 17):

A importância da cultura popular para Brandão advém, principalmente, da descoberta de que ela nos oferece formas de aprendizagem e ensinamentos menos utilitários e instrumentais do que os disponibilizados em geral por nossas escolas. A cultura popular, portanto, concebida como um sistema outro de conhecimentos, sentidos e significados, seria capaz de resgatar para a escola no processo educacional, toda a riqueza da experiência de diferentes formas de compreender e interpretar o real, a vida e a condição humana.

No entanto, as formas como as práticas foram relatadas não expressam aprofundamento em questões como sentimento de pertencimento pessoal e coletivo na cultura local, que envolve o debate sobre diferenças socioculturais (de classe social, crenças, etnia e outras), que seguem na direção de tornar a escola um espaço mais plural, com interações mais iguais em meio à diversidade. Há uma concepção que vai de encontro ao que se vê na teoria, apresentada nas falas

das professoras, o que é muito positivo, é o primeiro passo para se buscar a forma mais adequada de desenvolver a prática em consonância com a teoria, o que ainda não parece ocorrer no cotidiano pedagógico da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minhas considerações finais estão baseadas na pergunta de minha pesquisa que é: em que medida as manifestações da cultura popular do município – festas, danças e folguedos se fazem presentes nas práticas pedagógicas nas turmas de 1º ao 4º ano do Ensino Fundamental da escola pesquisada? Para tanto, retomei algumas análises dos resultados da pesquisa.

Vimos que a compreensão das professoras sobre cultura popular está próxima às reflexões teóricas apresentadas neste trabalho, que ressaltando a questão da ambiguidade entre os termos folclore e cultura popular, debatidos por alguns estudiosos, indica que os dois termos englobam produções artísticas e culturais do povo, sejam em comunidades rurais ou urbanas. Aparece, assim, o aspecto relativo ao significado da cultura popular local, no fazer cotidiano do povo, visto como construtor de sua história, repassando as tradições de geração a geração, buscando suas formas específicas de organização, criação, interação, significação e valorização de saberes que interagem e formam a identidade desse povo.

Nos relatos percebe-se a preocupação e a importância que as professoras dão a esta temática, pois, segundo elas, ajuda na compreensão do entendimento da realidade do passado e do presente e respectivamente a realidade futura. No entanto, a questão cultural é trabalhada de forma fragmenta, quando deveria ser integrada aos conteúdos cotidianos, fazendo correlações das manifestações culturais locais com a brasileira e de outras culturas, levando o aluno a fazer descobertas sobre sua identidades com a cultura brasileira e local, discutindo valores, respeito a diferenças sociais e culturais, entre outros, fazendo o aluno se interessar por suas próprias raízes, o que fará com que valorize a memória e identidade cultural da própria comunidade.

Comparando as concepções pedagógicas do Projeto Político Pedagógico da escola e algumas práticas explicitadas, percebi que o todo deixou a desejar. Falta interesse maior por parte das professoras. Elas têm percepção de tudo o que está se passando ao redor, mas fazem pouco uso de suas competências para mudar a realidade, pelo menos no contexto cultural da escola. Assim, não adianta estudar os mesmos temas, como o carnaval, o reisado e outros movimentos culturais, sem mudar a forma de abordagem, observando a perspectiva interdisciplinar. E, diante da variedade das manifestações culturais local, como danças, histórias, anedotas, lendas, folguedos, festas, observei a deficiência na busca do conhecimento da nossa cultura.

As formas como as práticas foram relatadas não expressam aprofundamento em questões como sentimento de pertencimento pessoal e coletivo na cultura local, que envolve o debate sobre diferenças socioculturais (de classe social, crenças, etnia e outras), que seguem na direção de tornar a escola um espaço mais plural, com interações mais iguais em meio à diversidade. Há uma concepção que vai de encontro ao que se vê na teoria, o que pode ser o primeiro passo para se buscar formas adequadas de desenvolver a prática em consonância com a teoria, o que ainda não parece ocorrer no cotidiano pedagógico da escola.

Diante dos resultados da pesquisa, sugiro que as professoras revejam suas práticas, aprofundem mais o tema, os conceitos, leiam autores que subsidiem a dinâmica em sala de aula, discutam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e o Projeto Político Pedagógico da escola (PPP), para buscarem, coletivamente, formas interdisciplinares efetivas de trabalhar a questão cultural, no processo de ensino e aprendizagem.

Essas sugestões estão baseadas especialmente no fato de que, nos seus relatos as professoras apontaram a importância da temática que, segundo elas, ajuda na compreensão do entendimento da realidade do passado, do presente e a futura, e contribui para conhecer, aprender e valorizar a memória e identidade cultural, no entanto, isso não se reflete nas práticas pedagógicas nas turmas de 1º ao 4º ano do Ensino Fundamental da escola pesquisada.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, Antônio Augusto. **O que é Cultura Popular**. 8ª edição: Brasiliense, 2000.
- BOSSI, Alfredo. **Cultura Brasileira: Temas e situações**. 4ª edição. São Paulo: Editora Ática 1987, 2003.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Vocação de criar**: anotações sobre a cultura e as culturas populares. Cadernos de pesquisa, v. 39, n. 138, set./dez. 2009.
- _____. **Proposta Pedagógica. Cultura popular e Educação – Cultura, Culturas, Culturas populares e a Educação**. In: Salto Para o Futuro – Boletim 19, 2007. TV Escola. SEED/MEC.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural**, orientação sexual / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 164p. 1. Parâmetros curriculares nacionais. 2. Pluralidade cultural. 3. Educação sexual. 4. Ensino de primeira à quarta série. I. Título Visitado as 20:12 do dia 25/09/2013. Livro Virtual< Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12640%3Aparametros-curriculares-nacionais1o-a-4o-series&catid=195%3Aseb-educacao-basica&Itemid=859 Acesso em: 25/09/2013 a partir das 18:49.
- BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna: 1500-1800**. São Paulo. 2ª edição. Cia das Letras. 1989.
- EXUPÉRY, Antoine De Saint **O Pequeno Príncipe** –. Livro virtual: < Disponível em: [L P://www.portaldetonando.com.br](http://www.portaldetonando.com.br) – acesso 01/03/2013 às 15:05.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que completam**. São Paulo: Cortez, 1993.
- GABRIEL, Eleonora. **Linguagens Artísticas da Cultura Popular**. In: **Cultura Popular e Educação**. Salto para o Futuro. Brasília: Salto para o Futuro/ TV Escola/ SEED/ MEC, 2008.
- GIL, Antônio Carlos. **Técnicas de Pesquisa em Economia**. São Paulo: Atlas. 1991
- GONSALVES, Elisa P. **Iniciação a Pesquisa Científica**. Campinas-SP. 2ª edição. 2001. LARAIA, Roque de Barros, 1932 – L331c. **CULTURA** um conceito antropológico. – 24. Ed. Jorge Zahar Ed., 2009.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras e PRIORE, Mary Del. **Memória, Patrimônio e Identidade**. BOLETIM 04. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. ABRIL 2005.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um Conceito Antropológico**. Rio de Janeiro 2009.

LISPECTOR, Clarice **Perto de um Coração Selvagem** – Livro Virtual < Disponível em: www.portaldetonando.com.br/forumnovo/ acesso 02/05/2013 às 15:11.

LOPES, M. L. L. **A Criança Descobrendo, Interpretando e Agindo sobre o Mundo.** – Brasília: UNESCO, Banco Mundial, Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho, 2005. 128 – 136 p. – (Série Fundo do Milênio para a Primeira Infância Cadernos Pedagógicos; 2).

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MACKELLENE, Léo. L. L. **Carinhonha: Entre Rios de Histórias**/organizado por Simone Passos, José Edvar Costa de Araújo et al. 0 Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012.

MARTINS, Carlos Henrique dos Santos. **Cultura Popular Urbana e Educação: o que a escola tem a ver com isso? In: SILVA, René Marc da Costa Silva.** -Cultura popular e educação / Organização Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2008. 246 p. - (Salto para o futuro).

ROCHA, Sebastião. **Folclore.** Belo Horizonte: CPDC, 1996.

SILVA, René Marc da Costa. **Cultura Popular e Educação: Salto para o futuro.** Brasília, 2008.

_____. **Cultura popular e educação.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2008. 246 p. - (Salto para o futuro).

SOCIOLOGIA DE PLATÃO. **Espaço de Socializações e Sociabilidades.** Disponível em: <http://sociologiadeplanta.blogspot.com.br/2009/08/conceito-de-cultura.html>. Acesso em: 14/07/2013 a partir das 23:30

SUA PESQUISA. COM. **Definição; saiba o que é cultura.** Disponível em: http://www.suapesquisa.com/o_que_e/cultura.htm. Acesso em: 14/07/2013 a partir das 23:30

UNIVERSIDADE SANTA CRUZ DO SUL. **Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi estruturada.** Disponível em: http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/consideracoes_sobre_a_elaboracao_de_roteiro_para_a_entrevista_semi_estruturada.pdf. Acesso em: 14/07/2013 a partir das 23:30

VANNICCHI, Aldo. **Cultura Brasileira – O que é como se faz.** 5 edição: dezembro de 2011. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1999.

VIANNA, Letícia. **Patrimônio Imaterial: novas leis para preservar... o quê?**. In: **Cultura popular e educação** / Organização René Marc da Costa Silva. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2008. 119 - 246 p. - (Salto para o futuro).

APÊNDICES

1- ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM PROFESSORES e coordenadora Pedagógica (turmas do 1º ao 4º ano)

Bloco I: Dados do entrevistado

- Nome do entrevistado:

- Sexo:

- Idade:

- Nível de Escolaridade:

- Local de nascimento:

- Tempo de exercício na docência

OBSERVAÇÕES

Bloco II: Concepção de cultura popular dos professores que atuam do 1º ao 4º ano do Ensino Fundamental.

1-O que você entende por cultura popular?

2-No nosso município temos muitas manifestações da cultura popular. Pode citar algumas?

3-Qual o significado dessas manifestações para você? Com qual (quais) dela (s) você mais se identifica? Por quê?

4-E qual o significado delas para o município? Você acha que o povo se sente identificado culturalmente nelas? Por quê?

5-Como professora, o que tem a contribuir com o ensino da cultura popular na sala de aula?

OBSERVAÇÕES

Bloco III: Sentido e significado de memória e identidade cultural para os professores que atuam nas turmas de 1º ao 4º ano do Ensino Fundamental.

1-Para você, o que caracteriza a memória e identidade cultural de um povo?

2-É importante a aprendizagem voltada para a preservação e valorização da memória e identidade cultural nas comunidades? Por quê?

3-E a escola tem oportunizado essa aprendizagem? De que forma?

4-Qual é o papel da escola na preservação e valorização da memória e identidade cultural do povo da cidade?

5-O que caracteriza o processo de ensinar e aprender que dá sentido e significado à memória e identidade cultural?

OBSERVAÇÕES

Bloco IV: As manifestações culturais populares locais (festas, folguedos e danças) na proposta pedagógica e prática pedagógica da escola.

1-A escola possui uma proposta pedagógica (ou outro documento didático)? Você a conhece? Sabe como a questão da cultura/cultura popular é apresentada?

2- Como as atividades culturais são planejadas e realizadas na prática pedagógica da escola? A cultura local (manifestações culturais) é considerada? Quais manifestações são contempladas e de que forma? Quais as fontes de pesquisa utilizadas para o planejamento?

3- E como você elabora essas atividades para sua sala de aula? Quais manifestações populares são trabalhadas?

4-Como os alunos participam dessas atividades? Eles se identificam com a cultura popular local? Por quê?

5-Qual a sua reflexão em relação aos benefícios educacionais e culturais que as atividades direcionadas às manifestações populares podem trazer ao povo de Carinhanha?

OBSERVAÇÕES

3ª PARTE:

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Este curso teve um significado muito grande em minha vida, mudou minha rotina, abriu minha mente para aprender a conhecer, experimentar, ampliar, construir pontes, fazer escolhas, e abriu um leque de conhecimentos e formas de construir conhecimentos que eu não imaginava. E mesmo não estando em sala de aula pude experimentar outras formas de ensino/aprendizado, com base nas aprendizagens das disciplinas desenvolvidas, como por exemplo: comecei um trabalho pequeno de oficina de teatro na APAE, onde o ensino é direcionado às necessidades especiais de cada um. Tive o prazer de trabalhar no CRAS - Grupo de Convivência, onde eu também trabalhava a parte cênica das crianças. E ajudou e muito quando fui pela primeira vez monitora de uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental I. Então, creio que tenho um caminho muito lindo a ser percorrido.

Minhas perspectivas profissionais, após a conclusão do curso de Pedagogia, quanto à formação pedagógica são várias, diante das aprendizagens adquiridas. Pensei em todos os tipos de área que me interessa fazer uma pós-graduação. A área que está me chamando atenção é de Libras, tenho curiosidade em aprender e, além do mais, na minha comunidade é raro ter algum profissional formado nessa área no município.

A segunda alternativa está voltada para uma pós-graduação na área cultural porque percebi a carência de conhecimento na área, através da pesquisa realizada. E sabemos que quando focamos na cultura local estamos descobrindo mais um pouco da história cultural brasileira. Fico feliz em saber que ainda existem pessoas querendo saber e preservar essa cultura, mesmo que seja a minoria.

Com o olhar de futura pedagoga, vejo que tenho a contribuir muito na educação, tanto escolar quanto extraescolar, creio que o município tem muito a ganhar com a formação de novos educadores. Em relação a mim, ainda não tenho experiência, mas tenho vontade de mudar, mesmo que seja uma pequena coisa, já é um grande começo.

}